[illegible] DE CASTRO CARNEIRO

CRÔNICA
DA
CASA DOS CARNEIROS

3

4

"... sempre tive em mente registrar no papel e nos tipos, definitivamente, todas as minhas lembranças, das coisas e principalmente das pessoas que marcaram, acho eu, o meu modo de ser, o meu caráter. São crônicas? Talvez. A mim importa apenas a autenticidade dos fatos narrados, porque na verdade eles aqui estão como os personagens vivos da nossa família..."

CRÔNICA
DA
CASA DOS CARNEIROS

16336

ÍNDICE

Apresentação: *Caio Porfírio Carneiro* IX
Introdução XI
A Casa 3
Meu Avô 10
Minha Avó 17
Meu Pai 20
Minha Mãe 30
Minhas Tias 40
Tio Francisco 48
Tio Antônio 54
Tio Porfírio 63
Tio José 71
Meus Irmãos 76
Minha Esposa — Uma Carneiro Também ... 89
Meus Filhos — Meus Netos 94
E a Saudade... A Lembrança 99

EM traços rápidos e essenciais estão aqui, nítidas e em relevo, as figuras queridas do nosso clã dos Carneiros, que, dentro do espaço ilimitado do tempo, vêm do passado dos avós e se prolongam aos netos da última geração.

O fulcro central destas reminiscências é o cronista, *o mano Manoel de Castro Carneiro, o mais velho da nossa família, e o que captou, mais sensitivamente, a alma e a vida dos que se foram, viu melhor a geração que vivemos e compreendeu a dos que nos estão substituindo.*

Este livro é, fundamentalmente, a história viva da nossa Casa, elo forte do ramo paterno, os Carneiros do Pau Caído, e que no suceder das gerações nunca se partiu, antes uniu e sedimentou pela característica de temperamento que nos irmana.

Meus avós, meus tios, meus pais, meus irmãos, seus filhos e netos, dos mortos aos vivos, todos aqui estão — vejo isto — como reunidos num encontro fraterno de mais de quatro gerações e numa medida de tempo de mais de cem anos. É uma crônica que nos toca muito de perto, parte que somos integrante dela. É, também, tal como se dá com outras "dinastias", a expressão de exemplo de uma família de raízes profundas nas suas origens (a terra natal), e

que, nas alegrias e adversidades, sempre acreditou e respeitou os pequeninos valores, soma maior e significante de união inquebrantável, pelo bem-querer, entre todos do mesmo sangue.

Aqui está a história da nossa Casa. A casa-grande da fazenda, austera, sobranceira no elevado, a tamarineira ao lado: marco catalizador dos que se foram, dos que estão e dos que hão de vir. E ninguém melhor do que o mano soube vê-la, compreendê-la e senti-la tanto. Só ele poderia escrever este livro, não apenas porque, por ser mais velho, viu mais de perto e melhor testemunhou. Mas, sobretudo, porque é, dentre os Carneiros, o mais preso ao elo, por destinação secreta dos deuses. Elo que é a linha atávica que se renova de geração em geração. Tal prova é que, residindo em São Paulo, está ao leme da querida fazenda Pau Caído, dando-lhe feição e dinâmica novas, que os tempos mudaram, preservando-lhe porém o sopro histórico que se sacramentou no suceder das gerações.

Este livro é uma história de família. Da minha família. Da nossa família. E é ainda, pela amenidade narrativa, pela fluência da exposição, pelos fatos revelados, todos estritamente verdadeiros, uma gota latejante de vida, dentro do tempo, dos Carneiros que — sem falso orgulho — enobreceram a nossa terra e contribuíram, no heroísmo do anonimato, para a sua verdadeira História. São as raízes da nossa própria vida.

Orgulhamo-nos disto. E este livro é a prova.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

MEU AVÔ, o personagem maior de minhas histórias e principalmente de minhas lembranças, morreu em 1935 sem acreditar em duas coisas. E era definitivo: avião e a ponte do rio Acaraú. Me dizia sempre quando eu tentava argumentar com as maravilhas do cimento armado: "Qual, meu filho, é porque essa estrovenga ainda não pegou um inverno bom como de 24". Do avião a coisa se complicava um pouco para ele porque não tinha como, sem indelicadeza, duvidar da palavra do neto. Mas ficava mais p'ro lado do não do que do sim. Nesse tempo só tínhamos em Fortaleza os hidroaviões da Panair que desciam na Barra do Ceará. Mas gostava de ouvir a descrição do "bicho" descendo e espanando água pr'a todo lado. Saboreava a descrição da subida com maior prazer ainda, acho que esperando a queda... A ponte ele vira, ou melhor, lhe distinguira o vulto, pois quando a tal estrovenga ficou pronta meu avô já pouco enxergava. Mas estava convicto de que a um inverno bom ela não resistiria.

Meu pai e meu tio Antônio, apesar de terem voado em aviões da Panair, também achavam o avião um transporte um tanto indigno. "Homem não nasceu para voar. Lá em cima ele fatalmente tem medo pois está fora do seu *habitat*...", sentenciava o tio Antônio. E para ele o ter medo era incompatível com a dignidade do macho. Papai, menos dramático, achava simplesmente que não valia a pena o risco e o sacrifício...

Imaginem agora vocês o que pensariam os três se soubessem (e quem sabe estão...) que estou alinhavando esta introdução a dez mil metros de altura, sobre o Pacífico, entre Honolulu e o Japão, num avião onde viajam mais de quatrocentas pessoas. São cinco horas da tarde e a metade dos passageiros

dorme, depois de ter almoçado (e o vovô almoçava às 10 horas...) alguns continuam firmes nos drinques e outros assistem ao cinema, cujas imagens eu vejo com nitidez mas não ouço nada porque me neguei a pagar os dois dólares que a loirinha me cobrou. Mas não estou arrependido pois pelas imagens pressinto uma xaropada. Meu pensamento está longe, com os meus fantasmas, como diria o poeta se poeta eu fosse.

E foi pensando neles que comecei esta introdução da "Crônica da Casa dos Carneiros". Pode até parecer pabulagem, esnobação, mas é que senti tão forte, tão presente na minha lembrança, aqui nestas lonjuras, os entes queridos que fizeram e povoaram o "Pau Caído" da minha infância e mocidade que não pude deixar passar o momento.

Alguém já disse, não lembro quem, mas sei que foi um cientista, que todo trabalho intelectual (e não precisa ser neuhuma obra-prima...) se compõe de dez por cento de inspiração e noventa de transpiração. Preguiça ou medo de transpirar eu não tenho, mas os outros dez por cento eu tenho que aproveitar, nem que seja voando.

Não me julgo um escritor, talvez nem mesmo um escrevinhador. Mas sempre tive em mente registrar no papel e nos tipos, definitivamente, todas as minhas lembranças, das coisas e principalmente das pessoas que marcaram, acho eu, o meu modo de ser, o meu caráter. São crônicas? Talvez. A mim importa apenas a autenticidade dos fatos narrados, porque na verdade eles aqui estão como os personagens vivos da nossa família, talvez como exemplos para os seis novos Carneirinhos que começam a despontar para a vida (e outros virão se Deus quiser) que são os meus netos: Vanessa, Louise, Paula, Maurício, Marcelo e Francisco Júnior.

O nome Pau Caído é registrado por pesquisadores cearenses lá das minhas bandas pela primeira vez aí pelos princípios do século 18. Na nossa família acho que ele começou conosco, com os Carneiros. Sua origem telúrica (?) é muito contraditória. Pessoalmente, porém, porque imagino nela uma certa beleza cênica, pois há muitas outras, adoto sempre a seguinte história. É *autêntica:* há muitos e muitos anos, quando os campos eram imensos e sem dono, ou pelo menos sem muitos donos, por ali, às margens do valente riacho Cacimbas, corriam os vaqueiros nas suas loucas tropeladas à cata dos barbatões. E num

desses dias, depois de luta incessante atrás do marrudo novilhote, conseguiram laçá-lo já quase noite. Pressentindo que não alcançariam o destino ainda com o claro do dia, mascararam e entamancaram o bicho, amarrando-o em seguida num enorme pau caído. Ao chegarem em casa informaram ao patrão, o legendário Ajudante Carneiro, que o bicho ficara preso perto do riacho Cacimbas, num morrote onde havia um grande pau caído. E a referência ficou. E foi aí, no mesmo lugar onde amarraram o barbatão que meu trisavô ou antes dele seu pai ou seu avô, fincaram a sua tenda. A casa-grande atual é nova, foi construída em 1845, depois que a outra dera sinais de velhice. E ela está que é uma beleza pois este ano recebeu novo encaibramento, novo piso e caiação caprichada. Seus 134 anos lhe registram agora apenas a mocidade, pois sadia e forte como está, com suas largas paredes e portas de cedro lacrado ainda vai viver por muitos outros 134 anos. Benza-a Deus.

Não fiz aqui registros mais detalhados dos ascendentes de meus avós porque não os tendo conhecido temi cometer erros. Mais do que erros, injustiças. Conheci de referência inúmeros: o tio Manoelzinho da Serrota. A *velha* Maria Teresa, minha bisavô. Tio Joãozinho e tantos outros. Mas não conheci pessoalmente nenhum. Ou melhor, alguns eu os vi de relance, quando menino, e nem a fisionomia fixei com precisão. Seria errado falar deles ou sobre eles. Pelo contrário de todos os que falo, e cada um mereceu referência própria, com eles convivi. Deles senti os problemas, algumas angústias, mas principalmente o amor. Esse amor seco e um tanto distante, sem melosidade, do nosso sertanejo. Quase como carne-de-sol... O que não presta já saiu. O sol tirou. Ficou só o bom, o gostoso, o autêntico. E será também com amor e principalmente com uma imensa saudade que deles vou falar.

Vivi e senti no Pau Caído a bem-aventurança dos bons invernos e o drama, quase um castigo, de uma grande seca. Senti o sertão do tempo do meu avô: bravio, ingênuo, autêntico e distante. E por ter de lá saído e hoje regressado, levando no cérebro e no coração, quem sabe até uma confusão de sentimentos, vejo o sertão de hoje: ainda quase autêntico, já não tão ingênuo e muito perto e poluído pelas coisas da cidade que ele ainda não pôde ou não quis compreender e engolir...

Acho que esses dois sertões estão principalmente desencontrados. Acho que a vontade do encontro existe. Mas onde? Quando?

No tempo do "seu" Martiniano só se distinguia o fazendeiro do vaqueiro ou peão pela morada na casa-grande, um cavalo melhor tratado e uma sela mais caprichada. A comida da casa-grande também era melhorada, mas eu, por exemplo, gostava mesmo era do cuscuz de milho pisado no pilão da casa do José Valdevino. E ainda hoje gosto. Não relaxo. A roupa era a mesma: alpercata de rabicho, ceroula e camisa de madapolão, chapéu de palha de carnaúba. Uma roupa melhorada para as missas domingueiras, que não eram de todos os domingos, também não era privilégio de ninguém. O dono e o empregado, ou o morador, melhor dizendo, estavam mais próximos. Falavam a mesma linguagem, se entendiam. Até o fumo que mascavam era o mesmo. E eram, de certa maneira, independentes um do outro.

No tempo do neto do "seu" Martiniano, no meu tempo, hoje, o fazendeiro toma um avião a jato em S. Paulo e no aeroporto de Fortaleza apanha um carro que o leva para a fazenda. Gasta oito horas de porta a porta e alguns milhares de cruzeiros. Chega e não vai para a casa-grande, vai para a outra que fez ao lado, com água encanada, apartamento independente, luz elétrica, etc. etc. O empregado continua na alpercata, só que havaiana, aquela que o Chico Anísio anuncia e que ele viu na televisão em Santana. O patrão mudou, está montado em botas feitas sob medida. A quase intimidade ainda está ali, um tanto tímida, com um doutor pelo meio. O Vicente Valdevino, filho do vaqueiro do meu avô, não é mais morador, é empregado. Ele quer garantias. Quer FGTS, INPS, aposentadoria. As coisas se complicaram, as pessoas se afastaram e o reencontro eu não o distingo, mesmo ao longe. É bem possível que eu esteja com pieguismos, que o negócio é tornar o Pau Caído economicamente forte para felicidade de todos. Será isso? E é tão difícil! O sertão de hoje é muito mais pobre. Pelo menos o meu sertão. Há que dividir um pouco o que aumentou em riqueza e produção com um mundo de gente que por ali nasceu, cresceu e foi ficando. A felicidade que sinto ao por aqui chegar está agora sempre enevoada com a presença de alguém que pede, com palavras, com gestos ou com a simples presença.

Empobreceu, realmente, o meu sertão, o que me faz lembrar o que me dizia um grande professor que tive, irmão marista, acho que francês: "O Brasil é um país belo e rico e de grande futuro. Mas se alguma coisa triste ou ruim chegar a acontecer será no Nordeste".

Mas não será por isto que eu vou abandonar o sertão e o meu Pau Caído. Levo a grana daqui de S. Paulo. Estou na luta. Agora com um projeto oficial e malsinado, a Sudene pelo meio, lá vamos nós, substituindo as vaquinhas pé-duro, que só têm chifre e eu não sou industrial de corrimboque, por zebuínas de úberes fartos e lucrativos. Até os bodinhos briguentos das caatingas estão dando a vez para os orelhudos Tokemburg. Dos casebres estão surgindo casas habitáveis. Os meninos com escola e boa merenda. E com a irrigação vou fazer chover, que nem S. Pedro. De seca ou de inverno não vai mais faltar chuva no Pau Caído. Estamos, enfim, na trilha do reencontro, eu espero.

Há algumas coisas que não deixamos ninguém tocar: a autenticidade da casa-grande, com o seu inseparável armazém, o frondoso tamarineiro, a carnaubeira plantada no ano em que nasceu meu pai, a velha cruz de madeira postada há mais de século no caminho da Lagoa Seca, além de algumas frondosas oiticicas que o sofisticado sistema de irrigação pretendeu cortá-las mas que ali ficaram, em nome dos momentos inesquecíveis que à sua sombra passei com o "nêgo" Antônio, meu grande companheiro de caça aos sabiás, codornas e mais que fosse.

E é aqui que termina a apresentação e começam as histórias da "Crônica da Casa dos Carneiros". É um livro, despretensioso como o seu autor, mas também como o seu autor, muito verdadeiro e muito autêntico. No seu prefácio está o meu mano Caio, este escritor por profissão mas que abdicou da sua tarefa natural de falar dos nossos para que o irmão mais velho tivesse esse prazer. E deu incentivo. E palpitou. Quem sabe até o autor de *"Trapiá" e "Sal da Terra", além de "Casarão" e outros mais* resolva agora escrever algo mais sério e profundo sobre o que eu registrei apenas de raspão. Não lhe falta competência e nem incentivo, acho que está faltando apenas o arranco, o primeiro capítulo, que o resto virá aos borbotões...

Num avião qualquer da PANAM,
sobre o Pacífico, em 4.8.1978.

A Casa

QUEM sobe do riacho, a primeira visão é do tamarino. Enorme e enfolhado no inverno. Enorme e profusamente espalhado no verão. Ao seu lado uma elegante carnaubeira, dizem que plantada no dia do nascimento do meu pai, 22 de novembro de 1883, quase centenária, portanto, porque o tamarino com certeza já o é. Por trás, não em segundo plano porque em nada e por nada ele ficaria em segundo qualquer coisa, avista-se o grande oitão branco. Durante mais de um século apenas uma porta e uma janela quebravam a monotonia da grande parede. Depois, lá por volta de 1950, um tio resolveu dar toques modernos no velho casarão e prolongou o telhado para a frente da casa, fazendo o que se passou a chamar de alpendre.

Embora esse alpendre agasalhe boas cadeiras de balanço, algumas espreguiçadeiras e receba todas as visitas, até hoje considero uma profanação a sua construção. Ainda preferia a calçada alta, onde o cavaleiro encostava o cavalo e se apeava sem precisar do estribo e onde todas as visitas só chegavam até o terreiro, subindo a calçada depois da ordem recebida do "seu" Martiniano. Era mais aristocrática a velha calçada. Acho o alpendre muito *misturado*...

Mas voltemos ao velho casarão. Construído em 1845 varou anos de seca e de grandes invernos, sem que sua estrutura simples de tijolo, cal e carnaúba,

apresentasse qualquer sinal de fraqueza. Muitos consertos, muitas pinturas, algumas trocas de caibros, mas tudo continuou e continua essencialmente o mesmo. Até as velhas portas e janelas, armadas com pregos forjados a marreta, continuam nos seus lugares sustentadas pelas enormes dobradiças e não menos exageradas fechaduras.

Seu tamanho não desmerece o dos casarões das grandes fazendas do Nordeste. Acho até que com algo pouco comum. Sua cumeeira é de uma altura incrível, que deve andar pelos oito metros ou mais, o que a torna fresca e clara. Alegre, portanto. Dispõe de uma grande sala de visitas, uma espaçosa sala de jantar, cinco quartos e uma cozinha que faz jus aos outros cômodos. De quebra o modernismo do tal alpendre e um banheiro com caixa d'água e tudo mais, coisa inconcebível e acho que até desnecessária na sua época. Na verdade plantou-se ali um pequeno elemento poluidor...

No quadro um tanto esgarçado de minha memória a casa-grande surge pela primeira vez creio que em 1927, quando o meu pai e um tio que morava no Rio de Janeiro resolveram visitar a fazenda de carro. Imaginem! De carro! Alugaram um enorme Hudson conversível e viajaram de Fortaleza, via Itapipoca, São Bento da Montada, Santana do Acaraú, até a casa-grande do Pau Caído, parando o *bicho* embaixo do tamarino. Para meu desespero, portanto, não consigo separar sua lembrança da desse enorme automóvel e ainda hoje não sei dizer se foi o carro que gravou também a casa ou o inverno. Confesso que preferia ter feito aquela viagem a cavalo. Mas será que o papai e o tio Antônio iriam entender isso?...

Sua soberba estrutura está plantada no topo de um morro que domina uma grande visão de toda a

fazenda, principalmente para os lados do serrote do Barriga, no Nascente, ou para as Aroeiras, ao Norte, nos cercados da ilha. Em frente ao alpendre, faço a referência com raiva mas é o jeito, está o açude e mais para a direita o açudinho. Este quase um poço, com parede de tijolo e cal, cavado a braço de escravo. Nas primeiras chuvas de qualquer inverno a grota logo enche o açudinho, para delícia da garotada e das lavadeiras, também. Do lado do oitão do tamarino avista-se o verde do vale do riacho Cacimbas, temível pelas suas cheias. Contam, inclusive, que uma das maiores foi no dia do enterro do meu avô, ou melhor, da ida do seu corpo para Santana. A rede que o transportava foi atravessada pelos galhos mais altos das seculares oiticicas...

Quando se entra na sala, do lado direito está o quarto do vovô. Ali nasceram os nove filhos de minha avó Mariquinha e ali aprendi a rezar as primeiras ladainhas e novenas e também dali, muitas vezes, no auge da contrição e da fé dos demais presentes, uma rápida escapulida até a despensa me garantia uma ceia com mais queijo e mais rapadura.

Do lado esquerdo da sala, quando se entra, o outro quarto, o do tio Francisco. Eu sempre dormi na sala e tinha uma enorme preocupação: armar minha rede em frente à porta do quarto do tio Francisco, pois sabia que quando ele acordasse, e era cedo, sua estatura de gigante, ao sair do quarto com certeza, como fazia todo dia, empinava minha rede para o alto e lá estava eu, também muito cedo, no curral. E isso porque se deixasse por conta das tias ou da vovó eu dormiria o dia todo... Não sei, mas acho que toda avó ou tia que se preze faz questão que netos e sobrinhos durmam sem parar...

Atrás do quarto do tio Francisco, em frente à sala de jantar, a grande despensa, com suas prateleiras de queijo, caixas enormes para guardar farinha e feijão e amontoadas pelos cantos milhões de coisas gostosas. Rapadura, batida, alfenim, torresmo, carne-de-sol, sem falar em sal, temperos, banha, querosene. Ali estava tudo, até fumo, cujos primeiros pedaços comecei, muito cedo, a saborear num pito de palha de milho ou papel Peito-de-vaca...

Pegado à despensa, mais um quarto. Esse o das tias e no qual nunca entrei. Ainda hoje, quando por qualquer razão sou forçado a entrar nessa camarinha, somente o faço com grande constrangimento, como se estivesse descumprindo um trato ou revelando um segredo que não é meu.

Em frente ao quarto das tias, um outro com as mesmas características. Apenas a porta dá para a sala de jantar e não para o corredor, como o outro. E no tempo de minha avó essa porta estava sempre aberta porque era ali em frente que ela armava sua rede. Logo em seguida à porta, já na sala de jantar, um armário de alvenaria com portas de madeira. Muito alto e com muitas prateleiras. Nesse armário estavam guardados os tesouros domésticos da família. Louças finas, toalhas bordadas, compotas para dias festivos, temperos raros. Dali exalava um perfume de coisas gostosas, associado com o perfume da madeira, toda ela imburana da melhor. Ainda hoje me acende o gosto quando ali eu chego e o abro de repente. Será que são apenas guardados da memória ou ele continua ali presente? Gostaria de saber.

Ao fundo dos quartos a cozinha. Ah! A cozinha. Palco das grandes festas. Terreiro das melhores fofocas. Os tijolos de seu piso foram afundados pelo pisar macio e miúdo de minhas tias e da avó Mariquinha.

Dali saíam os melhores queijos que já saboreei até hoje, incluindo os badalados queijos das estranjas... As gostosas galinhas de cabidela, as canjicas, as paneladas. Também presenciou a velha cozinha, quase uma água-furtada com pouco ar e meio escura, com seu enorme fogão a lenha postado lá num canto, as muitas sortidas que pratiquei nas encardidas panelas de barro, tentando a pesca de uma moela ou o tornozelo bem cozido de um bacorim... Guardo comigo, ainda hoje, uma grande panela de ferro que pertenceu aos trens dessa velha *fábrica* de fazer a bóia. Trouxe-a com muito trabalho, despachando-a em caminhões, primeiro para Fortaleza e de lá para S. Paulo. Dei-lhe, aqui na Fazenda Santo Antônio, um lugar de honra no escritório, meu recanto preferido para os *papos* e as meditações, como um original porta-revistas. Às vezes imagino se ela não estaria melhor numa boa cozinha. Na minha cozinha. Mas como irmaná-la com azulejos, fogão a gás, geladeira e outras esquisitices? Melhor degradá-la um pouco no silêncio do meu escritório do que no cozimento dessas receitas regradas, tementes a colesterol, peso acima do figurino e outras "cositas mas"... A velha Maria Teresa, como todos chamam com certa irreverência, minha bisavó a quem, disseram-me, pertencera a imponente panelona de ferro, com azelhas, pés e desenhos, não haveria de tolerar o seu rebaixamento a uma *coisa* que fizesse bife de caçarola, e mal passado...

Pegado à casa, do lado esquerdo de quem a olha de frente, está fincado um pequeno prédio, com uma parte bem fechada com sólidas paredes e uma única porta e o restante por altos parapeitos e uma cancela de aroeira. Chamavam-no e ainda o chamam de *o armazém,* apesar de na sua parte aberta, atual-

mente, estar funcionando uma escola enquanto o prédio apropriado não fica pronto. Ali, no armazém, eram guardados, na parte fechada, os surrões de feijão ensebado e as montanhas de milho seco, além de jerimuns, cabaças, couros crus, potes, moringas, palha de carnaúba para fazer chapéus, enfim um sortimento infindável de coisas úteis naquelas brenhas, como dizia sempre o vovô. Na parte de fora, a aberta, as cangalhas, os frescos e baixeiros de sela, além de caçuás, quase sempre usados pelas galinhas poedeiras.

E aí está a casa-grande da Fazenda Pau-Caído, palco dos muitos personagens que povoaram a minha infância feliz e descontraída, tronco de todos os Carneiros que conheci e os de antes, também, assim como espero será dos que virão por aí. Segundo a história que corre na família e seus agregados, foi a casa-grande erguida pelo meu bisavô no ano de 1845, depois que a outra casa-grande, a de baixo, situada perto do açude, construída com menos sabença e provavelmente com orçamento mais minguado por volta de 1700 e tal começou a dar sinais de decrepitude. Por esta velha casa, hoje menos explorada e vivida, mas muito mais amada e até venerada, passou toda a geração do meu avô, e de meu pai, completa, e pelo que parece, passará também a minha, embora que esta já metida com coisas de cérebro eletrônico, passeios pela lua, televisão a cores e levando de quebra enfarte, cuca fundida, poluição. E a casa velha está lá. Solene e imponente, já agora partilhando o morrote onde se instalou com uma construção dita moderna a que nós da cidade não podemos abdicar. Esse negócio de apartamento, forro, armários embutidos, luz elétrica. Mas foi melhor assim, porque houve até quem quisesse alterar a casa velha dando-lhe ares

de coisa nova. E eu cheguei a pensar no assunto, que Deus me perdoe...

Não tenho o dom de fazer uma oração. Quem me dera! Eu a faria com muita alegria e contrição para a casa-grande. Mas não posso. Não sei. Apenas a venero à minha maneira e de agora para a frente, nas páginas seguintes, vou contar das pessoas que ali viveram, sofreram e morreram. Que a casa-grande me inspire nessa empreitada. Não é fácil, mas que é gratificante e tentadora lá isso é...

Fazenda Santo Antônio
S. Paulo — janeiro de 1978.

Meu Avô

Era um homem alto. Creio que até muito alto. A bengala que foi sua e que guardo como coisa sagrada, sugere ter pertencido a um homem de mais ou menos 1,83 a 1,85. E faço essa conta sem erro, porque está bem presente em minha memória a maneira como a usava. Colada junto à perna, fincada no chão e o cabo de latão apoiado, sem esforço, na palma da mão. Com 1,78m eu só consigo fazer isso na ponta dos pés. Um tanto amorenado e de cabelos crespos, já bastante ralos de quanto me lembro.

Faço enorme esforço de memória para detalhar a figura física do meu avô. Inútil. Lembro apenas um homem alto, amorenado, olhos muito vivos e muito bom para os caprichos do neto mais velho e praticamente único nessa época. Não recordo de barba ou bigode. E os dentes? Deveria tê-los, e bons, porque mascava grandes pedaços de fumo. As mãos, essas eu lembro muito bem. Grandes, angulosas, magras, quase descarnadas e com um fantástico mapeamento de veias. Seriam azuis? Com certeza, pois o "seu" Martiniano estava de nobre para melhor...

A vestimenta, sempre a mesma, para dormir ou para ir à cidade, acontecimento muito raro no meu tempo, quando vovô já andava agarrando os oitenta como ressaltava, não sei se com mágoa ou com orgulho. Mas com certeza com alguma saudade. Trajava sempre uma calça de algodãozinho listrado, camisa de madapolão e alpercata de rabicho, de couro cru ou sola, dependendo da importância do momento. Não creio que o tivesse visto de sapatos. Vovô sofria tremendamente de hemorróidas, doença que na época não conhecia tratamento adequado, muito menos uma dieta amenizante. Por isso suas calças eram conhecidas das demais. Carregavam um *beiju*, como diziam as tias com irreverência, mas às escondidas.

Não o alcancei em sua fase de atividades normais, quer de trabalho, quer sociais. Agora só raramente ia a Sobral ou Santana do Acaraú e dos serviços da fazenda se inteirava através das informações que o tio Francisco dava, muitas vezes a contragosto. Não sei por que os matutos do Nordeste de um modo geral são econômicos até ou principalmente nas palavras. Resumem tudo em pequenas frases ou um simples aceno de mão ou de cabeça. Nada de muitos detalhes. Quando aparece um cabra mais falador, com certeza vai ser cantador, ou envereda pelo descaminho dos *picaretas*, homens de pouca vergonha. Negócio de falar muito é p'ra mulher...

Em Sobral o vovô procurava a casa do tio Joãozinho, velho solteirão e bem arranjado na vida ou a casa de Francisco Romano da Ponte, nosso contraparente ainda hoje vivo, casa essa que tinha bom comércio, de compra e de venda. Vovô fazia essas viagens no seu cavalo "Tropelão", um castanho grande e assanhado que fazia a delícia do neto nos dias em que o banhava no açude e voltava em loucas tropeladas, em pêlo, para o cercado de Lagoa Seca. Comigo e acho que com qualquer outro, o Tropelão" era um cavalo duríssimo, de trote áspero e desengonçado. Quando o meu avô o montava "Tropelão" se trans-

formava num cavalinho estradeiro, quase braiador. Um dia perguntei ao velho por que o seu cavalo não estradava como os outros e sua resposta ainda hoje me humilha, cavaleiro que pensava ser: "É que quem monta o "Tropelão", meu filho, não sabe pegar na rédea"...

Em Santana do Acaraú sua amizade era com o Miguel Araújo, também nosso contraparente, seu grande amigo e vez por outra hospedeiro. Isso porque o vovô nem sempre mantinha casa na cidade. "P'ra quê? Só serve p'ra dia de festa..." Quando havia necessidade ocupava, geralmente por uma tarde ou uma manhã, a casa do Miguel Araújo. Dificilmente pernoitava. "Lugar de galo é no seu poleiro..."

Santana é uma cidade agradável e tranqüila, plantada entre o serrote que lhe tem o nome e o rio Acaraú. Muito quente, no auge da canícula do meio-dia não se vê viva alma pelas suas ruas parcamente arborizadas. Sobre isso contam do meu avô a seguinte história: Quando ainda tinha sua casa, na praça da matriz, com um enorme quintal que terminava na beira do rio, certo dia "seu" Martiniano foi a Santana, levando consigo sua filha Clarisse e um ajudante de vaqueiro servindo de arreeiro chamado Antônio. Chegaram cedo e se instalaram na casa. Meu avô, já meio cego pela catarata, logo depois do almoço, cerca das 10 horas, foi até à janela dar uma espiada. Ao longe viu um transeunte que saía da igreja rumo ao mercado, atravessando a praça. Chamou minha tia e quis saber quem era, ao que tia Clarisse respondeu: "É o Antônio, meu pai." Vovô andou pela casa, foi ao quintal, visitou os quartos abandonados de muitos meses e voltou à janela. Nesse instante um vulto vinha do mercado rumo à

igreja. "Oh! Clarisse, vê quem vai ali, minha filha..." — "É o Antônio, meu..." — "Tá bom", resmungou o velho, "se eu não tivesse trazido o Antônio não tinha ninguém na Santana..."

Homem curtido e simples, de muitos invernos e compridos e sofridos verões, vovô era, como todo sertanejo cá dos nossos lados, um pessimista autêntico. Fazia suas rezas, rogava para os seus santos, fazia suas *coisas*, mas não ultrapassava o limite das possibilidades do Pau Caído em ano ruim. Se o inverno fosse bom o pasto sobrava, o arrependimento de ter feito roçados pequenos era vez por outra referido, mas nada de ultrapassar a capacidade das cacimbas do riacho nos anos secos, da pouca água do açudinho ou do açude grande, nem aumentar as cercas para dobrar a capacidade dos cercados de reserva. Nessa época, de silo não se falava e irrigação só para alguns pés de bananeira e poucas touceiras de cana, o suficiente para a rapadura que adoçasse o café. Certa vez deixei transparecer minha tendência para ser fazendeiro como ele, porém mais avançado. Falei da Escola de Agronomia, do curso anexo que estava fazendo e dos que iria fazer. Apesar de deixar meio visível o medo que sentia de tirar do neto restos de um gosto pelo estudo já muito comprometido com a soltura daquela vida livre e despreocupada, vovô não abandonou sua autenticidade em me aconselhar "Você escolheu uma profissão desgraçada, meu neto. Eu comecei minha vida com vinte anos e cento e cinqüenta cabeças de gado. Estou com oitenta e cinco e cento e cinqüenta cabeças de gado..." e saiu gargalhando baixo, como que tivesse contado uma boa piada. Eu não alcancei a sua filosofia. Estava muito cheio de Geografia Veiga Cabral, onde se afirmava que no matadouro de Chicago, nos Estados Unidos,

eram mortos trezentos mil capados grandes por dia... Aliás o vovô era um grande fã da Geografia Veiga Cabral, lida pelo seu neto no oitão da casa-grande, ao entardecer, na hora de subida das galinhas. Vovô mandava sempre repetir os capítulos que falava em números, exagerados para ele e para o neto também. Nosso horizonte era muito curto, pouco além do serrote do Barriga. Suponho que ele achava aquele livro um amontoado de mentiras, muito melhor era o Almanaque de Bristol, pelo menos este trazia as fases da lua e aí não errava...

Lá na Fazenda eu só sentia uma frustração. Nunca tinha ouvido falar que o "seu" Martiniano tivesse mandado matar um cabra ruim... De dar surra eu sabia. Mas o que eu queria era de mandar matar. No Ceará em particular e no Nordeste de um modo geral, o regime do coronelato era um fato conhecido e indiscutível. Além do mais, aceito e até bem recebido. Eu achava que um bom coronel, e vovô era dos melhores, precisava mandar despachar alguém. Mas de vovô nunca soube nada. Apenas a sua imensa autoridade, exercida quase sempre com a simples menção do seu nome. O Pau Caído era um Estado. Intocável para qualquer estranho. Retrata bem isso um fato por mim presenciado aí por volta de 1931 ou 32. Um caboclo qualquer, não lembro bem quem, mas acho que ligado aos Gabrieis, cometeu um crime de morte. Com razão e em legítima defesa, sua e de nossa propriedade. Depois do acontecido, defunto na cova, criminoso em casa, silêncio em toda parte. Mais ou menos uma semana depois, cerca de três horas da tarde, achega-se à casa-grande um soldado fardado e um cidadão sobraçando um livro preto, que vim a saber depois ser o livro dos depoimentos. Ambos a cavalo, se acercaram com cuidado, tiraram quepe e

chapéu e aguardaram o "seu" Martiniano, que logo saiu no oitão e falou: "Boas tarde..." "Boas tarde, Coronel..." — "Apeiem-se e cheguem..." — Sem a ordem ninguém era capaz de descer do cavalo. Aí falou o soldado: "Coronel, nós tamos aqui p'ra pedir licença a V. Excia., p'ra Gabriel fazer um depoimento". E acrescentou rápido: "É só um depoimento, Coronel". Vovô respondeu, como se diz por lá, na fumaça do tiro: "Deixo não. Volte e diga p'ro delegado que domingo eu vou à missa e falo com ele. Se querem água podem tomar", — "Clarisse, minha filha, manda água p'ros homens..."

E o assunto foi encerrado ali. O livro preto brilhava sua capa sebenta embaixo do sovaco do escrivão. O soldado suava como uma locomotiva, principalmente depois dos dois canecos d'água. E lá se foram os dois representantes da Justiça rumo a Santana informar ao delegado que no domingo talvez houvesse depoimento... E acho que iam até muito felizes pois não era de qualquer fazenda que o livro preto voltava ou soldado e escrivão saía sem um puxão de orelhas...

Não foi preso o rapaz. A legítima defesa fora testemunhada por muitos na pesquisa que vovô procedeu. Ele estava consciente da Justiça feita e era o bastante. Morrera o intruso, o malfeitor, o que tentara o malfeito. Porque houve outros casos, e muitos, principalmente de ladrões, que o velho mandava entregar ao delegado e até com ordem de surra, se antes não houvesse tido alguma.

Mas eu lamentava, e muito, a falta de capangas armados, dos rifles com marcas na coronha. Pensava nos colegas de colégio, principalmente de alguns que se esbaldavam nas referências guerreiras. Desconfiava muito da conhecida coragem dos Carneiros.

Que diabo de coragem era essa se não se falava que ninguém mandou matar ou matou ninguém? Ficava orgulhoso com as referências que ouvia do meu avô e do desembaraçado e até atrevido tio Francisco, mas sempre com o pé atrás... Estava sempre aguardando que alguém tentasse uma desfeita ou testasse comigo o que tanto se falava do meu avô. Fazia planos. Imaginava emboscadas. Arquitetava vingança. Minha alma de criança era alvoroçada e bandida por excelência...

Pela vida afora, na luta do cotidiano, enfrentando o que se convencionou chamar de mundo cão, vejo hoje com clareza o que a força moral, a presença do homem reto, honesto, coerente, do líder que foi meu avô, pode realizar. Provavelmente já um pouco além do seu tempo, quando trocou o bacamarte pela palavra firme, a eliminação material, física, do inimigo gratuito ou não, pela conduta retilínea e correta que afasta e apavora os menos dignos.

Desculpem a tirada filosófica e as loas para "seu" Martiniano, mas ele as merece. Ele as mereceu. Não conheci ninguém mais correto e decente do que ele. Era incapaz de uma injustiça consciente ou um malfeito que prejudicasse aos outros. Acho que todo neto tem o dever de zelar pelo nome do seu avô. Está certo. Pois certamente todo neto tem as suas querências com seu avô. Mas garanto que não é todo neto que teve ou tem o privilégio de ter um avô como o "seu" Martiniano Carneiro do Pau Caído...

Fazenda Santo Antônio

S. Paulo — janeiro de 1978.

Minha Avó

PEQUENINA. Cerca de 1,50 m, cabelos como algodão e olhos muito azuis. Duas contas. Não me lembro de a ter visto andando. Ou na rede ou ajoelhada junto ao oratório na hora da novena ou do terço. Pele muito branca e encarquilhada, vovó se assemelhava a uma boneca. Eu tinha a impressão que poderia carregá-la nos braços facilmente. Como foi possível uma velhinha daquela ter tido nove filhos, todos fortes e sadios, alguns homenzarrões como meus tios Antônio, Francisco e Porfírio? Ainda hoje não posso imaginar a vovó mulher nova, criando meninos, fazendo queijos, cuidando da casa.

Acho que nunca a vi rir. Era muito séria e como se dizia por lá muito seca. Isto é, não sabia fazer carinhos. Era dura e firme nas atitudes. Uma ordem sua era mais definitiva que a do vovô, principalmente para o neto, que vez por outra fazia fraquejá-lo. Não guardo de minha avó nenhum momento de carinho, de boa conversa, de histórias. Nada. O que sei é o que me contaram. A começar pela fama de melhor queijeira da região, ainda hoje lembrada e por ali tudo decantada. Creio que isso que lamento se deve ao fato de ter conhecido minha avó já muito velhinha, meio inválida. Sempre naquela rede, a se embalar.

Por parte de minha avó, tenho alguns primos que contam melhores histórias da tia Mariquinha, como a chamavam. Eu por minha vez chamava o vovô

deles, irmão de minha avó, de tio Manezinho. São os filhos da prima Auri, casada com o João Pontes, importante político e comerciante da zona Norte do Estado, falecido prematuramente num desastre de automóvel. Refiro-me ao notável cirurgião Pontes Neto e ao Senador Osíris Pontes, além de toda a irmandade. Creio que são dez ou doze. Com esses dois porém, mantenho laços mais estreitos de amizade e tenho ouvido algumas histórias da avó Mariquinha. Selecionei a última que soube pelo Pontes Neto. Terá sabor melhor para os cearenses, pois os vocábulos usados são iusubstituíveis.

Estava o Osíris passando umas férias na fazenda, no Pau Caído, menino terrível e inquieto como é até hoje pois apesar da idade não deixou de ser o garoto do interior com toda a sua autenticidade. Brincava com um pretinho, cria da casa, que de repente, aos berros, correu para o colo da vovó. A Dona Mariquinha, tentando consolá-lo, perguntou: "O que foi, Chico, ele bateu em você?" — "Não senhora" — "Então o que foi?" — "Ele me chamou de cara de priquito..." — "Ora que besteira, menino! Chorar por isso. Um bichinho tão bonitinho!" — "Mas não é esse não senhora, dizia o pretinho em pranto, é o outro..."

Quando conheci minha avó estava sempre imaginando que ela morreria a qualquer instante. Supunha-a fraca e indefesa. Dona Mariquinha, porém, resistiu à morte do meu avô, com quem foi casada mais de cinqüenta anos e viveu ainda, em Massapê, para onde se mudou, anos de viuvez.

Nunca fui muito dado a estudos genealógicos. Apenas andei passando a vista em alguns livros que estudiosos da matéria escreveram sobre as grandes famílias que povoaram o Norte do Ceará. Creio,

porém, que minha avó era uma Carneiro autêntica, na origem, e pelo casamento, pois "seu" Martiniano era seu primo. Acho mesmo que mais Carneiro do que ele, que tinha um Costa atravessado pelo nome.

Lamento não ter tido com Dona Mariquinha uma convivência mais íntima para apreender dela o que dela e os filhos relembram. Firmeza de caráter, inteligência, coragem. Guardo apenas a imagem da avozinha, pequenina e doentia, sentada na rede na sala de jantar da casa-grande do Pau Caído. E sempre que, ainda hoje, como um queijo feito nas prensas de aroeira da fazenda, sei que ali está presente a sua arte e a magia das suas misturas. Que Deus a tenha.

Meu Pai

Se vivo fosse estaria hoje o meu pai com 95 anos, nascido que foi em 22 de novembro de 1883, segundo filho do meu avô. Como os irmãos foi também um autodidata, com a diferença de que era um intelectual. No estilo de ser, nos gostos e tendências. Foi discípulo do grande poeta Padre Antônio Thomaz e disso sentia muito orgulho. Sabia de cor todas as poesias do celebrado poeta cearense. Acho que foi com ele que tomou gosto pelo latim, chegando a ser uma autoridade nessa matéria. Escrevia e lia corretamente, dando mostras, também aí, de suas tendências, pois fazia isso apenas para deleite do espírito. Lia todos os clássicos no original e não raro pichava as traduções ou comentários de que tomava conhecimento.

Papai saiu da fazenda muito criança, tendo sido criado na Serrota, propriedade vizinha, do tio Manoelzinho, velho solteirão que adotou como filho o sobrinho Zacarias, a quem chamava na intimidade de Zaca. Na minha infância cheguei ainda a testemunhar restos de sua profunda ligação com o tio Manoelzinho e com a Serrota, tanto nas referências da família como nas histórias do meu pai. Todas as suas referências de infância, até mesmo uma célebre descoberta de botija de que guardava com carinho inúmeras moedas de prata, estavam invariavelmente ligadas com a Serrota.

Em Santana do Acaraú, no cemitério velho, até bem pouco, ainda estava lá o túmulo do tio Manoelzinho, com um epitáfio onde o sobrinho fez questão de gravar a referência da doação que fizera ao querido defunto. E como poderia esquecer ente tão querido e tão referido se em sua homenagem carrego comigo o seu ilustre nome? Sou o Manoelzinho do Pau Caído como ele fora o Manoelzinho da Serrota. Vizinhos, unidos pela lembrança, pelo nome, pelo parentesco e pelo bem-querer do meu pai e separado apenas pelo seu celibato de que nunca fui um adepto. Morreu solteirão o tio Manoelzinho. No mundo deixou o sobrinho, afilhado também, e quase filho Zacarias e um nome que ainda não vai acabar por aqui pois quis continuar nos meus... Tenho um Júnior...

Papai era um homem "p'ra dentro" como costumava dizer meu tio Antônio, como se ele também não o fosse. Acho até que é mal dos Carneiros. Estas confissões e confidências que estou jogando pelo mundo acho que é uma espécie de penitência pelo muito que não se disse antes e na hora... Por isto não fui um grande amigo do meu pai, desses que trocam confidências, opiniões, pedem conselhos. Dele sempre recebi coisas agradáveis e boas, mas dadas em silêncio, sem comentário. Não me lembro de ter recebido do meu pai um único castigo. A educadora era minha mãe. Também não me lembro de ter recebido dele um alerta, um conselho, salvo aqueles lugares-comuns de que "é preciso estudar", "não minta", "cuidado com a saúde" e coisas assim. Muitas vezes colhi na rua, por ouvir dizer ou perguntando a estranhos, informações que me espicaçavam a curiosidade juvenil. Acho porém que isso se deve em parte ao fato de na hora em que mais essa necessidade se acentuou, meu pai adoeceu. E sua doença foi prece-

dida de um longo período de indefinição, quando o velho passava horas e às vezes dias enrolado no seu silêncio, cismático e triste. Só a mamãe conseguia fazê-lo reviver um pouco. Sua doença, muito mal diagnosticada de princípio, quase nos leva ao desespero. Era o mal de Parkinson. Papai foi lentamente perdendo seus movimentos. Primeiro dos braços, depois das pernas e por fim do próprio sistema digestivo. Morreu aos poucos. Deixou-nos órfãos cinco anos antes de sua morte física. Talvez por isso não consegui ter uma afinidade intelectual com meu pai, o que ainda hoje me marca e essa perda de comunicação com homem tão ilustrado com certeza castrou grande parte de minha formação.

Como meu avô, meu pai era acima de tudo um justo. Tinha horror ao malfeito, à mentira, e algo que ferisse o semelhante. Absolutamente não comentava a vida de ninguém. De que me lembro teve dois sócios que o lesaram mas de quem nunca ouvi uma simples referência. Considerava-os indignos e pronto. Estava encerrado o assunto. Era como se tivesse ido ao enterro de cada qual. Morreu, enterrou-se, acabou.

Os fatos que poderia narrar sobre meu pai são inúmeros mas um tanto obscuros na minha memória. Ressalto um, porém, que, estou certo, vou narrar com exatidão: Nós morávamos na Rua 24 de Maio, numa casa que tinha um enorme terreno nos fundos, saindo na Rua Tristão Gonçalves. Era o que se chamava então de fundos correspondentes. Época, 1929. Papai resolveu construir uma casa mais ampla, mais arejada para a meninada, nessa altura em número de seis, véspera do sétimo. Foi feita a planta e encomendado o material. Madeira ele tinha pois nessa época era o dono, em Fortaleza, da Serraria Central.

Encomendou apenas tijolo, cal, areia e barro. O vendedor dos tijolos era um homenzarrão enorme, vermelho, que andava sempre montado num burro. Se a memória não estiver me traindo era conhecido por Sr. Maia. Pois bem, papai comprou desse cavaleiro alguns milheiros de tijolos. E começou a receber o material, entregue no terreno destinado à casa, já limpo e com alicerces marcados, pelo Sr. Raimundo, uma espécie de faz-tudo que tinha lá na serraria. Sei até que esse "seu" Raimundo acabou pedreiro lá no *chalé*, que era como nós chamávamos a casa que ia ser construída. Recebido o tijolo e contado pelo "seu" Raimundo, apareceu lá em casa, num dia qualquer à boca da noite, o tal de Maia. Vinha receber o dinheiro do tijolo. Papai o atendeu e na conversa, que naturalmente eu não sei como foi conduzida, mas imagino, nasceu uma diferença no total dos tijolos entregues. E a certa altura da discussão o homem do burro chamou meu pai de ladrão ou coisa assim. O "seu" Zacarias não teve dúvidas. Pegou na sua bengala de junco da Índia e desceu as escadas da pequena entrada de nossa casa esbravejando: "Desça daí, seu cachorro, que eu quero lhe ensinar a respeitar um homem". Não tenho certeza, mas acho que o burro do "seu" Maia entendeu a parada ou foi esporeado porque abriu no mundo. Mamãe chorava e eu tremia só de imaginar o tal de Maia em cima de meu pai. Seria uma autêntica reprodução do Davi e Golias. Passada a confusão mamãe perguntou e isso eu nunca mais esqueci: "Mas, Zacarias, e se aquele homem descesse do burro?" — E papai na maior tranqüilidade: "Apanhava, porque homem sem-vergonha não reage". E os tijolos foram pagos, na quantidade certa mas através de portador porque nunca mais eu vi o burro e "seu" Maia...

Papai tinha poucos amigos. Fazia algumas referências do tempo de solteiro. Lembro-me bem de Rui Monte, que foi depois secretário da Fazenda no Governo Pimentel. Era muito seu amigo. Lembro-me também do dr. Luiz Diogo, juiz de direito da Capital, cuja viúva faleceu recentemente quase indigente em Fortaleza. Eram longos papos de fim da tarde, começo de noite, na calçada alta da Rua 24 de Maio. Também os membros da família Matos foram nossos grandes amigos e ótimos vizinhos. Seu principal relacionamento, no entanto, era com os parentes. Trocava muitas cartas com o tio Antônio, com o tio José, com primos e parentes afins.

Como todos os irmãos meu pai adorava o sertão e tinha pela casa-grande uma atração atávica. Qualquer problema que surgisse em sua vida, lembrava logo do Pau Caído. Lá estaria seguro. Nada o atingiria. Cá fora o mundo poderia ser perverso e incerto, mas no Pau Caído a coisa seria diferente. Saiu de lá não sabia por que mas voltaria sabendo as razões. Era quase uma religião. Aliás por falar em religião acho que meu pai nesse assunto não era propriamente um descrente, era um indiferente. Batizava os filhos, não perdia missa aos domingos, cumpria o ritual da Dona Júlia. Teve um grande amigo, ia esquecendo, no Padre Misael Gomes, que era meu padrinho de crisma. Não lembro muito bem do padre, conheci-o, é verdade, mas sua imagem se perdeu no tempo. Porém está aqui ao meu lado a imagem viva, colorida, bonita, do seu grande retrato exposto como modelo na Foto Ribeiro, o que hoje seria um tal de *poster* com certeza, com o dístico logo abaixo da rica moldura dourada "Padre, Coronel e Doutor Misael Gomes". Padre porque o era de fato, com batina e tudo. Doutor porque fizera um doutoramento

qualquer acho eu que Direito. E Coronel porque era lente catedrático do Colégio Militar do Ceará e como tal portador de uma patente das três estrelas gemadas.

Pessoalmente não gosto muito de festa de Natal. Acho-a triste. E não sei bem explicar porque ao se aproximar a grande data, sem dúvida querida para todos, acho até que me sinto algo infeliz, angustiado. Hoje dou presentes, também os recebo e até alguns sem os merecer tão bons eles são, mas isso não basta. E estou com este preâmbulo, este chove não molha como se diz lá pelos meus lados, para contar um fato acontecido entre mim e meu pai. Nunca o culpei por isso, sinceramente, mas foi algo que, imagino, está ligado a esse quase medo que tenho da maior festa da Cristandade, como se diz comumente.

Foi no Natal de 1931 e morávamos então no *chalé*. Tinha eu doze anos, já estava bem espichado e vez por outra já me chamavam de *homem*. O que com certeza eu não era coisa nenhuma. Pois bem, no dia 24 de dezembro, depois do jantar, cerca de cinco e meio, pois naquele tempo não se compreendiam grandes refeições, almoço e jantar, sem ser com a luz do dia. Ainda hoje no sertão é assim. Negócio de luz é p'ra ceia, p'ro jantar não. Acabado o jantar papai me chamou e rumamos para o centro da cidade, para a Praça do Ferreira. Andamos em diversas casas a olhar vitrinas e entramos, por fim, no Bazar Alemão. Era uma firma, cujo proprietário, um alemão de enorme estatura, se especializara em vender brinquedos. E os mais engenhosos e divertidos que se possa imaginar. É verdade que ainda não existia a eletrônica e a mágica que podem fazer as pilhas, mas os alemães tinham as cordas de aço e com elas faziam maravilhas,

desde caixas de música finíssimas até enormes comboios de trem, passando por carruagens, cavalos com vários movimentos, automóveis, caminhões, etc.

Entramos ali naquele mundo mágico e o papai toca a escolher brinquedos. Comprou bonecas, carros, escolheu um mundo de coisas. Eu tremia dos pés à cabeça imaginando o meu mas já um pouco ressabiado com esse negócio de ver o papai comprando os presentes. E o Papai Noel? Afinal de contas o meu negócio era com ele e eu confiava em que à noite, por um passe de mágica qualquer, quem sabe até arrombando a porta do alemão, o velhinho viria ali e cumpriria sua divina missão. Mas agüentei firme, afinal de contas o "seu" Zacarias sabia bem o que estava fazendo. Feitas as compras e recebidos os pacotes saímos para comprar as duas empadas do baiano que invariavelmente papai levava para a mamãe. E nesse dia foram três, pois eu não estava ali?...

Ao chegar em casa papai me chamou e só então falou. Pouco e o essencial: "Meu filho, você já está um homem e portanto com direito a escolher o que você quiser. Aqui estão cinco mil réis, use-os como achar melhor. É o seu Natal". Não me lembro, mas acho que não chorei. Mas também acho que não chorei porque quase morri. Naquele instante, com aqueles cinco mil réis (e olhem que não era pouca coisa pois com eles eu poderia comprar dois ou mais de qualquer dos brinquedos que papai comprou para os meus irmãos) estava também chegando algo que eu não estava esperando. Eu só pensava no dia seguinte quando todos abrissem seus embrulhos e eu não tivesse um. Mas veio a salvação, uma lembrança genial. Saí para trocar os cinco mil réis pela maior quantidade de tostões possível, fiz um belo pacote, amarrei no punho da rede e dormi olhando para ele.

Era uma fortuna e eu já começava a imaginar como gastá-la. Mas estava triste e ainda hoje fico. Papai que me perdoe se conto esta história e se às vezes, rapidamente apenas, imagino que ele estava errado. Pois se estava com certeza não pensou assim porque para o primogênito acho que ele seria capaz de dar a vida...

Quando alguém se mete numa empreitada como esta de escrever coisas do passado, não pode imaginar como a cada instante surgem novas lembranças, se aviva o conteúdo, de muitas delas. Às vezes até se amontoam, se confundem, fica difícil separá-las, colocá-las em ordem, cronologicamente. Agora mesmo estou lembrando do papai na sessão colosso do Cine Majestic, levando mamãe, eu e minha prima Elba, uma moça que nos acompanhava quase sempre pois acho que seu pai não tinha condições muito favoráveis para fazê-lo. Nessas noitadas, sempre aos sábados, assistíamos dois filmes e depois íamos jantar no Ramon, um restaurante famoso da antiga Praia de Iracema. Lá comíamos cavala frita ao molho e voltávamos no bonde até a Praça do Ferreira e daí no segundo bonde chegávamos em casa lá pelas 10 da noite, eu já trambecando de sono. Nesses dias papai vestia seu turno de linho HJ, sapato de duas cores e chapéu de palhinha. Aliás o "seu" Zacarias sempre andou na estica. Na mocidade, segundo ouvi muito dizer, foi famoso pela elegância dos termos ingleses e bigodes à lusitana. Já agora, casado e pai de muitos filhos, sendo um rapaz (era eu...) o bigode mudara para um estilo francês e roupas mais leves, mas sempre muitos limpas e brilhantes, onde sobressaíam camisas impecáveis e gravatas vistosas.

Papai era, fisicamente, do tipo pequeno, de mediano para baixo. Magro e de cabeça chata, tal

qual minha avó. Olhos muito vivos e negros, como também eram negros seus cabelos. Começou a perdê-los antes que embranquecessem. Partia-os no meio, o que dava em seu semblante um ar um tanto jovial, principalmente quando o cabelo, seco, ao fim de um dia de trabalho, findava em caracóis caprichados. Fazia a barba regularmente, dia sim, dia não, apesar de tê-la muito cerrada. Aos sábados barbeava-se no barbeiro. Como já disse antes usara, na mocidade, bigodes à lusitana, ou à inglesa, de pontas retorcidas. Depois simplificou as coisas cortando-lhe as pontas, estilo francês como acho que o chamavam. Muito caseiro, só admitia saída aos sábados à noite e nos domingos pela manhã, para a missa e mercado. Só muito raramente abria mão desse sistema para uma visita ou um passeio extra.

Era de temperamento bom, tranqüilo e sempre pronto a ajudar. A família da minha mãe recebeu dele total ajuda, tanto para os cunhados e cunhadas como para outros parentes próximos. Extremamente respeitado pela sua inteligência, conceitos e, principalmente, pelas decisões que tomava, sempre de caráter inabalável. Ninguém, em sua presença, seria capaz de um comentário desairoso sobre alguém ausente. Não admitia.

Papai tinha adoração pela minha mãe, com quem se casou já passado dos trinta e de quem recebeu o que, acho eu, na época se poderia esperar de uma mulher: muitos filhos, perfeita dona de casa, econômica, etc., etc. Acredito, porém, ter sido o que se chama de frustrado. E digo isso porque o imagino um perfeito intelectual quando era obrigado a lutar no comércio ou na indústria, onde, aliás, nunca marcou presença. Apenas tirou dali o que dali precisou tirar. O que ele queria mesmo era estar com os seus

livros, suas histórias, seus sonetos, suas longas cartas a entes queridos.

Sua trajetória pelo mundo dos negócios foi mais do que meteórica. Foi fantasmagórica. No começo ganhou rios de dinheiro, o que lhe assegurou a manutenção de vasta biblioteca e longos fins-de-semana enterrado nos clássicos. Quando os negócios começaram a ficar complicados e necessitou de um mestre no assunto ele foi afundando aos poucos. Pensava sempre em escapar lá pelo sertão: ora criando vacas, ora plantando mandioca, ora no cultivo intensivo do algodão. Só não podia enfrentar o dia-a-dia das letras de câmbio dos "papagaios", dos meios ardilosos de passar alguém para trás. Ganhar algo sem fazer força, sem suar, sem *cultivar*, enfim, com ele não formava. E por isso morreu pobre e deixou a família em dificuldades. Felizmente não insuperáveis graças à união dos Carneiros e à estrutura familiar quase mística que minha mãe soube nos dar. Fomos crescendo, estudando, lutando e cá estamos, podemos dizer triunfantes, ora em S. Paulo, ora no Ceará, mas sempre por cima. Tão por cima que o "seu" Zacarias de onde estiver olhando vai ficar até um pouco surpreso com tudo que está acontecendo aqui por baixo, sem falar que ele é bem capaz de ter um troço (perdoe, pai...) quando pegar em mãos (?) um livro sobre o Pau Caído e escrito pelo seu primogênito. *C'est la vie...*

Fazenda Santo Antônio

S. Paulo — 31 de agosto de 1978.

Minha Mãe

EMBORA este capítulo deva estar situado aqui no livro logo no começo, talvez depois do dedicado ao papai, e eu não sei o lugar porque é atribuição de quem entende, do dr. Caio, portanto, foi este um dos últimos que escrevi. Faltava-me coragem, pelo menos para começar. Mamãe representou e representa para mim a imagem de uma pessoa que passou pela vida sempre fazendo a felicidade dos outros e esquecendo a sua. Sua fisionomia era triste, embora gostasse de cantar. E tinha boa voz, era muito entoada. Amava todo mundo, principalmente à sua ninhada...

Órfã de mãe aos oito anos, veio do alto Purus, onde nasceu, no seringal Peneri, do meu avô, juntamente com os irmãos Morgadinha, Jaime, Mosa, Alba, Adolfo e Isa para a companhia de sua avó, mãe de seu pai, velhinha santa, mestra na feitura do beiju fino e das flores de tarlatana engomada. Isso aconteceu no princípio do século, aí por volta de 1904 ou 1905. Nesse tempo a borracha ainda dava algum dinheiro mas já mostrava sinais de canseira. Vovô deixou a turma com a vozinha (assim chamavam D. Ana Clara) e voltou para o seu seringal. De lá mandava dinheiro. Acontece que logo o dinheiro acabou pois a borracha não valia mais nada e a meninada foi sendo criada pela avozinha e sua filha Olívia, irmã do vovô e também viúva e com duas

REG.: 16336

filhas: Antonina e Antunes. Antonina casou-se com o dr. Eduardo, alto funcionário dos Correios e teve duas filhas, Antonieta e Maria Luíza. Uma casada com o Dr. Agapito Sátiro e outra com o Valdery Uchoa. O Antunes casou-se com a prima, minha tia Mosa, e também teve duas filhas. Moram no Rio e há anos não os vejo e nem tenho notícias. Os irmãos do meu avô eram em número de cinco: Júlio, Olívia, Otaviano, Temístocles e Liliam. Só de nome os conheci, salvo o tio Otaviano, de quem me lembro muito bem. Cá na minha história, eles não foram personagens influentes. Fica apenas o registro.

Vovô casou-se ainda duas vezes. Do segundo casamento teve uma filha, tia Neusa, ainda viva e residindo em Fortaleza. Do terceiro casamento, realizado no interior do Amazonas, vovô teve dois filhos: Raquel e Temístocles. Raquel está casada, um monte de filhos, todos lindos, morando em Caucaia. Temístocles resumiu, na sua pena brilhante e nos seus pendores políticos, toda a intelectualidade que o vovô cultuou no Peneri, seu seringal, através dos livros franceses e da literatura sofisticada do século XIX. Transformou-se o meu *Tio* Temístocles, casado com a minha querida *Tia* Eunice, e com duas filhas, minhas lindas primas Flávia e Cláudia, praticamente no homem que tem sabido colorir a crônica política do Ceará nos últimos trinta anos.

Mas como dizia, a avozinha ficou com a turma e foi criando tudo na base *das flores*. Ela e a titia Olívia passavam o dia e às vezes a noite fabricando as sempre-vivas, camélias e rosas coloridas com anilina alemã. E falo da origem dessa tintura porque sempre achei interessante frisarem que a anilina era alemã. Dava mais vigor às flores, era uma questão

quase ecológica. Apesar de nesse tempo não se falar nisso...

Mamãe estudou no Colégio Imaculada Conceição ou Colégio das Irmãs, como era chamado. Boa educação, rígida, diversificada, humanística. Tipo francês que, eu acho, era também a origem das Irmãs. Não sei até que ano mamãe estudou. Talvez o primário e parte do ginásio, até onde permitiram *as flores* ou a benevolência das religiosas. Sei que ela escrevia razoavelmente e tinha uma boa e firme caligrafia.

Quando moça mamãe era muito bonita. Rosto redondo, corpo cheio, pernas bem torneadas, mostrando na sua estrutura robusta a boa mãe que seria. Segundo comentário da família, dona Júlia mexeu com muitos corações, inclusive com o do "seu" Zacarias, celibatário em potencial. Temperamento bondoso, embora decidido e firme, arrumava fácil ao seu redor amigos e admiradores. Até mesmo na família, de quem foi, ao meu ver, uma espécie de anjo da guarda ou tábua de salvação.

Dizem que mamãe não se casou por amor. Simpatia e uma perspectiva de arrumar a família fizeram-na ceder aos assédios do "seu" Zacarias. Creio que encontrou, ao longo dos anos, aquilo que se entende por amor, principalmente no casamento: respeito, fidelidade, dedicação. Principalmente nos primeiros anos, quando papai estava de burra recheada, mamãe deve ter encontrado a felicidade ou, se não, algo muito parecido com isso. Pulou da Rua de Baixo, que era como se chamava a Rua Sena Madureira, atrás do Palácio, de uma casa de beiral aberto e com o córrego Pajeú no quintal, de onde ainda hoje guardo uma imagem quase perfeita, para um pequeno palacete na Praça Coração de Jesus, onde eu vim a nascer. Levou logo em sua companhia, ora

permanentemente, ora por temporadas, três irmãs: tia Isa, tia Mosa e tia Alba. As duas últimas pouco depois, ou melhor, anos depois, aí por volta de 1925 ou 1926 viajaram para o Rio de Janeiro. Lembro-me bem de ambas. Foram para o Rio casar. Tia Mosa com o primo Antunes pois em Fortaleza não dava: titia Olívia, mãe do noivo, não topava o casório. E tia Alba com um cidadão cujo nome nunca esqueci. Chamava-se Moscoso. Nunca encontrei um homônimo. Com esse as coisas engrossaram um pouco porque parece que o cara tinha uma outra mulher ou amante, uma confusão enfim. Tia Alba sofreu muito e morreu cedo, enfraquecida, como se falava. Sua filha ficou com a tia Mosa que a criou. Há anos não a vejo mas sei casada e bem. Tia Mosa teve também duas filhas. Também há anos não as vejo e nem tenho notícias. Suponho tudo bem. Desejo sinceramente.

Tia Isa ficou em Fortaleza, agarrou-se muito ao primeiro sobrinho, que sou eu mesmo e em princípios de 1925 casou-se com um rapaz de Sobral, da família Cavalcante. Segundo sei era um jovem culto e trabalhador, exercendo funções de destaque junto à Diretoria da firma Lundgren & Cia, as famosas Casas Pernambucanas. Logo depois de casado fez uma viagem parece que ao Canadá e na volta apanhou uma pneumonia, desta resultou uma tuberculose e lá se foi o homem. Ficou a tia Isa viúva com pouco mais de vinte anos, depois de ter ficado casada pouco mais de um ano. E com uma filha, Maria José. Voltou portanto a tia Isa para a companhia de sua irmã Julinha com nossa prima que foi criada no meio da Carneirada, salvo pequenos intervalos quando ficou uma temporada com o vovô em Canindé ou no internato do Colégio, além de pequenas estadas com os parentes do tio Cavalcante.

Mamãe procurava, com sua bondade e principalmente com o seu bom-senso, aliviar os momentos difíceis das irmãs e parentes. "Seu" Zacarias não ligava muito. Topava tudo que sua Julinha determinasse. Às vezes se embrabecia quando havia abusos mas logo tudo voltava ao de sempre.

E assim foi rolando a vida até começar a queda econômico-financeira do meu pai. As coisas foram se complicando e aos poucos, com a doença do velho, dona Julinha foi tomando o leme do barco, até que ficou sozinha. Com um marido doente e dez filhos. Eu como mais velho, o ovo de avestruz, portanto, dava uma ajuda. Mas a orientação, o rumo, disso dona Júlia não abria mão. Tinha um senso tão exato e tão correto das coisas que ainda me espanto quando relembro certas atitudes de minha mãe. E vou contar agora dois fatos que reputo geniais do ponto de vista de orientação familiar. Naquele tempo o uso lá em casa era o seguinte: todos nós, meninos, comíamos à mesma hora. Mamãe almoçava ou jantava separada, com o papai. Quando o velho chegou a um estágio de doença que já não podia mais ir normalmente para a mesa, mamãe me promoveu. Passei a fazer refeições com ela. Parcas e difíceis refeições, coisa de que nem é bom lembrar. Mas nesses instantes dona Julinha me contava todos os problemas e pedia palpite. Logo eu fiquei sabendo que não adiantava muito eu palpitar. Ela apenas tinha criado, com isso, a imagem do chefe de família. Provavelmente de maneira intuitiva e não racional. E tanto isso é fato que quando saí do Ceará, e fui morar no Rio Grande do Norte, minha irmã Maria conheceu um rapaz, com quem veio a se casar. Pois bem, ao fazer o pedido, o hoje meu cunhado Raimundo recebeu como resposta da mamãe que ela iria se comunicar comigo

para pedir autorização. Eu não o conhecia, nunca o vi mais gordo. Não sabia de nada. Mas ela não abria mão dessa imagem. O chefe da casa tinha que opinar, dar sua autorização. E creio que essa mística ajudou-a a atravessar momentos tão difíceis e provavelmente com um reflexo muitíssimo positivo sobre todos.

Dessa posição privilegiada, além de deveres um tanto duros para a idade, inclusive a entrega quase total do salário ganho, existiam alguns proveitos: poder total sobre a irmandade mais nova. Fazer mandados, comprar coisas, levar recados. Pela vida a fora só observei nisso, até hoje, um possível mal: fiquei muito distante dos meus irmãos na sua meninice. Eu era *o mais velho*. Intocável e distante. Creio que me comportei bem mas hoje sinto saudades de muitas coisas, até de uma bola de meia. Mas eu tinha que ser o melhor, o maior, o chefe. Acho que a idade também concorreu para tal. Entre eu e meus irmãos há uma diferença de sete anos, pois também entre eu, o mais velho, e os outros seis nasceram em seguida minhas três irmãs. Sei lá, tudo concorreu, idade, educação, época, coisas...

Mas o que é fato indiscutível é que no meio dessa montoeira de meninos reinava soberana e atenta a dona Júlia. Todos limpos, todos estudando, todos comidos... Fazia mágica com as mesadas vindas do Rio de Janeiro, do nosso tio Antônio, do filho mais velho, dono de pouquíssimos e minguados ordenados de funcionário do Departamento de Estatística e revisor d' *O Estado*. Mamãe arrumava as coisas de tal maneira que no fim de cada dia estava o moleque dormindo, banhado e pelo menos com um *engano* no estômago.

Os irmãos menores usavam fardas do Liceu na base do dois a dois. O que ia à aula pela manhã tinha que voltar correndo a fim de que o outro vestisse a dita cuja e rumasse, também correndo, para a aula de noite. Detalhes os mais saborosos surgiam no meio dessa confusão mas que não vale nem a pena relembrar. Acho que para este caso cabe bem a analogia do pediatra dizendo para os pais que têm ou não filhos: "Não adianta, companheiro, contar a gracinha dos seus filhos: quem os têm já sabe como é e para quem não os têm nada vai entender". O grande número de famílias com muitos filhos, pertencentes a essa sofrida classe média da Fortaleza dos anos 30 e 40, sabe bem da luta que as heróicas mamães travavam para poder possibilitar aos filhos "sair das areias..." Esses vão me entender. Aos outros não adianta explicar muito: ou não saíram de lá, porque não quiseram e porque não desejaram, ou nunca pertenceram àquela grande família dos que, com força, coragem e obstinação romperam o cerco e cá estão, ao lado de fora... E mamãe comandou essa arrancada com a sabedoria e a intuição dos simples.

Apesar de tudo isso, não posso deixar de contar uma pitoresca história das muitas vividas pelos meus irmãos menores. Essa sociedade no fardamento era distribuída pela idade, uma vez que o físico de quase todos era o mesmo: magros e em vertiginoso crescimento. Meu irmão Caio, hoje escritor dos mais badalados, secretário da União Brasileira de Escritores de São Paulo, partilhava a sua *cáqui* com o irmão Hesíodo, também hoje residente em São Paulo, mas dedicado a assuntos do comércio. Hesíodo era levadíssimo, muito bom na bola de meia e pouco dado às coisas das letras. Vez por outra se

atrasava, chegava tarde, ao ponto de, muitas vezes, a roupa ser trocada na porta da rua debaixo dos cascudos da dona Júlia. Certa vez vinha o Hesíodo do Liceu, nesse dia bem na hora, talvez, até adiantado um pouco, quando, chegando na Praça S. Sebastião, local das nossas memoráveis peladas de bola de meia, viu que o seu time estava jogando e, o que é pior, entrando em pua. Ele não resistiu. Entrou no time e com dez ou quinze minutos já tinha conseguido o empate. Mas aí ouviu gritos que o chamavam, pois morávamos ali perto. Não teve outra saída, largou tudo e foi embora, mas justificando aos gritos: "Se não fosse o diabo desta farda vocês iam ver uma coisa..." e foi correndo, de farda suada, para desespero do aplicadíssimo Caio, receber os cascudos da dona Júlia...

E assim foi correndo a vida, na dureza, até minha saída do Ceará, em 1941. Mamãe continuou na luta. E a turma crescendo, minha primeira irmã se formando. Em 1945 saiu o Luiz, depois casaram a Maria e a Lívia. Houve momentos dramáticos. Doenças sérias, de tratamento caro e complicado. Mas fomos em frente e dona Júlia no comando. Mamãe já começava a baquear. Suas cartas diziam isso. Em 1954 recebi em S. Paulo a visita de minha irmã Rachel para fazer uma exposição de viva voz. Todos os irmãos, já rapazes, ginásio feito, mas sem trabalho. Mamãe se desesperava porque já lhe faltavam forças e ânimo para enfrentar a luta. E era uma luta diferente, onde já estava entrando violão, mulheres e até alguma cachaça... E disso ela não entendia. Estava atordoada e amedrontada. Foi nessas alturas que eu e meu irmão Luiz, mediante um acordo econômico-financeiro muito nosso, resolvemos arrebanhar o resto. Fui ao Ceará em fevereiro

de 1955 para trazer todo mundo. Inicialmente mamãe achou tudo ótimo. Depois se assustou com a idéia, para no final topar a transferência desde que era para melhoria aos filhos queridos e garantia de um futuro promissor. Embarcou num navio do Lóide nos primeiros dias de maio e chegou a S. Paulo, vinda do Rio de Janeiro onde fui apanhá-la, no *Dia das Mães,* 10 de maio de 1955.

Nunca se adaptou bem em S. Paulo e também aqui a saúde a abandonou. Apesar de ter recebido todo o carinho e bem-estar que os filhos lhe proporcionaram, pois pouco tempo depois de aqui chegados logo todos já trabalhavam e estudavam, mamãe sofreu continuadamente. Muitos acham que foi a saudade do nosso Ceará, da sua Fortaleza. Não o creio. Estou mais com aqueles que imaginam uma pessoa numa luta constante e que de repente, sem mais aquela, pára a atividade. Comparando mal, como alguém que bebe a vida toda e de repente pára. As coisas se descontrolam, perdem a função, forçam o descompasso do conjunto. Mamãe passeava pelas abundantes feiras-livres de nosso bairro, o dinheiro sobrando em suas mãos para comprar até o supérfluo se isso fosse possível imaginar, mas ela não esquecia o meio quilo de fígado do mercado de S. Sebastião, ou da d. Glória, que vendia mais barato os ovos quebrados que vinham do interior nos velhos trens da R.V.C.

Sua vida em S. Paulo foi um passeio constante pelos hospitais e consultórios médicos. Sofreu os mais incríveis tratamentos. De nada adiantou. Tinha pequenas melhoras, às vezes nos dava esperanças de uma longa vida, ficava alegre, falante. Logo passava tudo e voltava o mutismo, o torcer de mãos. Morreu em 1961 pouco mais de seis anos depois de sua chegada aqui. Ainda assistiu e compareceu, bem disposta e elegante, à formatura do filho José Júlio, um dos mais novos. Acho que morreu feliz, com a missão cumprida. Conheceu netos, os meus filhos, que adorava e suponho que anteviu progresso, o triunfo continuado para aquele magote de garotos pálidos e mal alimentados que lhe foram entregues como herança com a morte do seu querido Zacarias.

Dizem que todo filho coloca sua mãe num pedestal pelo simples fato dela lhe ter dado vida. Pode ser. Mas acho que mamãe merecia esse e depois ela própria ergueu o outro que qualquer um de nós e até mesmo os amigos mais chegados a colocam e veneram como uma heroína e quase santa que foi. E se esse negócio de Céu for p'ra valer, nessas alturas ela estará achando muita graça disto tudo que estou escrevendo aqui. Sim, porque eu posso duvidar, todo mundo pode, mas d. Júlia nunca duvidou que um filho seu não fosse capaz de algo...

Fazenda Santo Antônio
S. Paulo — 22 de dezembro de 1978.

Minhas Tias

Não é por desrespeito e muito menos por menosprezo que coloco neste capítulo minhas tias Nana, Francisca, Clarisse e Maria. Principalmente as três primeiras, que viveram e morreram sempre juntas, solteiras, compondo na minha lembrança as imagens imorredouras de Pau Caído de minha infância e de minha pré-mocidade. Está certo dizer isso? Acho que sim. Tia Maria casou-se, foi com o marido, mas não posso imaginá-la nem junta e nem separada das três primeiras. Acho que tia Maria, sozinha, teria um lugar muito triste, descolorido e até feio. Foi uma mulher infeliz e doente. Sem filhos e com um marido de vida tumultuada e posso dizer até mesmo destrambelhada, apesar de muito trabalhador e de muito querido como vocês vão ver. Por tudo isso juntei aqui a tia Maria com as tias do Pau Caído que, na minha opinião, era o lugar de onde ela nunca deveria ter saído...

Pela ordem de idade, temos tia Nana, Maria, Francisca e Clarisse. Vou falar logo da tia Maria, que foi a única desgarrada das mulheres da casa-grande. Casou-se com Francisco Araújo, tio Chico, como o chamávamos ou "seu" Chico como o chama a tia Maria. Casou-se antes do meu pai, aí por volta de 1911. Nunca teve filhos. Criou um casal de meninos, Conceição e Francisco (Chico), oriundos da

família Farrapo, cuja mãe falecera e o pai, desorientado, preferiu entregar a boas famílias os filhos menores. Tia Maria e tio Chico os criou como filhos. Conceição casou-se com um viúvo, com muitos filhos. Teve outros tantos e criou-os a todos naquela vida crua e difícil do sertão cearense. Acho que ainda está viva. Nunca mais a vi, desde os tempos de menina-moça. Lembro-a bem bonitinha. Como será hoje? Com certeza envelhecida precocemente como acontece com todas as mulheres do nosso agreste. Se ela chegar a ler este relato, tão ligeiro quanto imperfeito, espero que me reserve um pensamento bondoso, em homenagem às brincadeiras de menino da velha Caraúbas, a fazenda do tio Chico. Seu irmão, o Chico Farrapo, deste eu tenho notícias freqüentes. Não se esforçou muito no trabalho daquele chão ingrato. Acho que o exemplo do seu pai adotivo, que morreu velho e quase de esmolas, o tenha desanimado da luta. Preferiu comprar uma sanfona e se tornar tocador. Teve muitos filhos e hoje mora em S. José, um distrito de Sobral, vivendo como Deus é servido...

Mas como eu contava casou-se a tia Maria, possuindo o tio Chico um pedaço de terras na Fazenda Caraúbas, sua e de seus irmãos. Hoje nessa propriedade há um projeto da Sudene, creio que dos herdeiros de Peri Frota. Muito trabalhador, tio Chico tocava a coisa com fé e arrojo. E tudo foi muito bem até 1927 quando montaram um pequeno alambique de pinga nas Caraúbas. Tio Chico passou de gerente e provador oficial a bebedor inveterado. A fábrica foi p'ro brejo e o calvário da tia Maria começou a subida. O "seu" Chico passava uma semana inteira de pileque e outra no trabalho, às vezes até duas. Compensava com seu grande esforço a falha da semana de bebe-

deira. Mas naturalmente que as coisas passaram a não andar muito bem ou pelo menos pararam no tempo. A casa velha sem pintura, curral de madeira apodrecida, cercados pequenos, capoeiras abandonadas. Uma coisa sempre foi bem: a fartura. Comida na casa do tio Chico era p'ra valer. Principalmente quando a mamãe, sua querida comadre Julinha, chegava com a criançada. Despensa farta, garrotes gordos para o abate, capados no chiqueiro. E a cachaça até diminuía. Quando começava a beber todos nós já sabíamos. O sinal era o cavalo. Vaqueiro por índole, por gosto e por precisão, era começar um foguinho e já selava o pedrês e se danava no mundo. Inventava campeios. O gado velho sofria com o vaqueiro pau-d'água... que ele me perdoe a piada. Mas era assim mesmo. Certa vez, nas férias de 1933, tio Chico saiu cedo e levou com ele, na lua da sela, meu irmão Hesíodo, então com pouco mais de dois anos. Só voltou ao pôr do sol, quase noite, acho que atendendo ao chamamento dos Santos que a mamãe nas suas aflitas promessas pôs no seu encalço. Hesíodo vinha feliz, o bolso cheio de pedaços de rapadura e até alguns níqueis. Mamãe zangou-se, quis ir embora, "seu" Chico arrependeu-se contrito, desarreou o cavalo. Pelo menos daquela vez a briga serviu para cortar a bebedeira pela metade. No dia seguinte cedo ele era outro homem. Risonho, falador, pau p'ra toda obra, da sala de visita à cozinha, dentro de casa ou fora dela, que a mulher, essa, coitada, estava acamada, ou melhor "arreiada", doente, quase morta de aflição. E a semana ou duas de boa vida, sem cachaça, não era o suficiente para reabilitar tia Maria, já quase demente.

Tio Chico bebeu assim até o dia do enterro do meu avô, que levou para o túmulo esse desgosto. Dessa

data em diante, feita a promessa para a vovó, nunca mais bebeu. Viveu ainda muitos anos úteis porém insuficientes para reparar os estragos feitos pelo período das bebedeiras, principalmente em sua mulher, que morreu aguardando a qualquer instante, passados mais de vinte anos, ver novamente o "seu" Chico num porre...

No local em que guardo os entes queridos de minha infância tio Chico tem um lugar destacado. Ele era ótimo. Mão aberta como se dizia por lá, nunca negava nada ao sobrinho. Considerava mamãe uma heroína e uma santa, fazendo pelo seu bem-estar e alegria o que estivesse ao seu alcance. As Caraúbas, para nós, era sinônimo de fartura e de bem-querer. Ainda outro dia passei lá momentos de grande emoção. Nessas férias de 1933 tio Chico quis fazer uma novena, acho que em louvor de Nossa Senhora e me pediu para "fazer" um altar, isto é, desenhá-lo na parede. Por aquela época andei recebendo aulas de desenho e o entusiasmo me fazia acreditar um grande na matéria. Pedi-lhe então que me trouxesse de Sobral três tintas de cores diferentes. Ele só encontrou duas. Mesmo assim me aventurei reproduzir o desenho de uma pequena estampa que mamãe trazia no manual. Sei que para a época foi um sucesso a feitura do altar. Pois bem, em 1974, em companhia de dois irmãos, fui rever a casa velha das Caraúbas. Quase totalmente desfeita, de pé apenas a sala e duas ou três dependências de trás. Morava ali um empregado dos atuais proprietários. Pedi para entrar e abri as janelas da sala. Custei a acreditar e a conter alguma lágrima indiscreta. No meio daquelas ruínas, roupa velha pelo chão, um catre imundo, duas redes, lá estava o meu altar com suas inalteradas estrelas de purpurina. Fotografei o local e tenho mostrado a

filhos e netos, relatando com orgulho o meu feito de pintor sacro...

Tenho procurado escrever estas lembranças, descrever esses personagens, sem nenhum compromisso cronológico muito rígido. Por isso entrou aqui, no capítulo das minhas tias, o meu saudoso tio Chico. Não que ele não merecesse um, só seu. Nada disso. É que eu quis colorir melhor a passagem de minha loura tia Maria por este mundo de Deus. E ninguém lhe deu mais colorido à vida, embora que com borrões muitas vezes incompreensíveis, o "seu" Chico. Morreram velhinhos, em S. José, depois que o Chico Farrapo vendeu a Fazenda. Visitei-os pouco antes de morrerem, aí por volta de 1958 ou 1959. Melhor não tivesse feito. Manchei lembranças lindas dum passado de menino com a imagem devastada de duas criaturas acabadas e tristes. Mas acho que não fixei isso, o tio Chico é mesmo aquele que achava ser a lua, quando muito, do tamanho do seu curral... E a tia Maria, loura de olhos azuis, exímia numa feitura de tapioca quando o permitia sua descontrolada imaginação...

Das três tias, Nana, Francisca e Clarisse, era esta última a escriba da família. Escrevia para todos e por todos. Não sei se as outras duas saberiam ou não escrever. Mas com certeza dessa sabença nunca fizeram alarde. Suas opiniões, seus pedidos, seus recados, vinham sempre através da letra fina e regular da tia Clarisse. Acho também que por ser a mais letrada exercia também uma espécie de liderança velada dentro de casa. Clarisse, como é isso?... Clarisse, o que você acha disso?... Pergunte à Clarisse... Das três era também a menor, no físico, bem entendido. Com o tempo a tia Nana também diminuiu. Perto dos oitenta e portadora de uma

artrite deformante ela ficou mirradinha como uma passa. Que comparação mais besta. Só aceito porque em qualquer outro tempo posso imaginá-la uma uva...

Tia Nana e tia Clarisse tinham espíritos vivos, inteligências claras e parece-me que saúde muito boa. Já a tia Francisca carregava em maior escala aquilo que nós na intimidade chamamos de *tara dos Carneiros*. Era excessivamente nervosa. Chegou até a ir para Fortaleza se submeter a tratamento médico especializado pois temiam pelo seu equilíbrio. Com o passar do tempo foi melhorando. Morreu velhinha, lúcida, embora muito nervosa, isto é, inquieta. Bem, não sei na verdade o que era bem. Não era tranqüila, enfim. Uma aflição aparentemente sem causa era sua companheira constante.

Todas três tinham um senso exagerado de economia. Eram quase maníacas, nesse aspecto, principalmente quando desembarcavam lá dos cavalos e jumentos a mamãe e sua turma. Era muita gente p'ra comer. E p'ra beber. O sertanejo das nossas bandas teme muito o amanhã incerto. E não tem como guardar o suficiente. Naquele tempo para guardar feijão era preciso ensebá-lo e colocar em surrões de couro. Mesmo assim isso era precário. Abriu o surrão há de se comer tudo. Carne-de-sol depois de 8 ou 10 dias não há quem coma, vira sola. As galinhas são em número adequado ao milho armazenado. É uma matemática danada. E na sua inocência e ignorância, temiam pelo pior. Não estavam preparadas. Sofriam com os ruins presságios. E se viesse uma seca? Deus nos livrasse, aí morreria tudo de fome. Naturalmente nada disso era real se analisado com mais profundidade. A fazenda era boa, pródiga, quase rica para

a região. Tirassem dali o pessimismo e a falta de confiança no futuro que as coisas mudariam de cor. Tenho até um fato muito pitoresco a contar das minhas queridas titias. No Pau Caído nada se perdia. Nem casca de queijo "que o Francisco gosta muito..." Pois bem. Naquela época não se fazia arroz como aqui nessas cozinhas modernas. Arroz refogado no óleo, temperado, água o suficiente para, secando, ser retirada a panela e servido o petisco. No sertão a coisa era outra. Um panelão de barro, arroz com milhões de "marinheiros", de onde só se tiravam as pedras, muita água e sal a gosto. Vez por outra a cozinheira daquele dia ou daquela hora passava por lá e experimentava o grão. Estava cozido? Então, segunda operação. Um alguidar de barro, uma urupema de carnaúba e jogava-se o cozido em cima para escorrer. A água que escorria para baixo seria normalmente uma sobra. Quando havia um porco no chiqueiro essa água ia direto para lá, quando não, ficava o alguidar na beira do fogão e vez por outra uma das tias passava, metia uma xícara e bebia um pouco. E lá vinha a expressão: "Oh! diabo ruim..." Mas bebiam até acabar. Jogar fora, nunca!

Nunca vi entre minhas tias nenhuma distribuição de atribuições. A única distinção era quanto ao escrevinhar, nada mais. Nunca soube quem era a costureira, a cozinheira, a cortadeira de cabelo. As três faziam as coisas, só isso. Também não sei de nenhuma briga, intriga ou malquerença. Tudo sempre o mesmo. União perfeita. Quando havia reclamação as três reclamavam juntas. Só a morte, essa coisa imperfeita dentro de coisas naturais, acho que porque sua função é acabar com elas, foi capaz de ir tirando uma a uma, devagar. Nem aí eu vi desunião pois a mais

nova não reclamou por ter ido primeiro, antes da mais velha. Tudo certo.

Quando morreram o vovô e o tio Francisco, ficaram na casa-grande as três tias e a vovó. Papai, já com o início da doença que acabaria por matá-lo, foi comigo visitá-las a ver o que poderia ser feito. Nada poderia ser feito. Tudo estava no mesmo. Afora a ausência dos dois, tudo era igual. A casa, a vovó se embalando na rede, as tias pela cozinha e pelas camarinhas. Apenas detalhes de administração e poucos, pois de há muito o vaqueiro, José Valdevino, vinha tocando tudo praticamente sozinho. Felizmente em setembro desse ano chegou inesperadamente ao Ceará para uma visita à família, depois de oito anos de ausência, sem uma notícia, meu tio Porfírio. Chegou e ficou. Mas isso é outra história.

Com a chegada do tio Porfírio resolveram que as *meninas* com a vovó iriam morar em Massapê. Mais recursos, menos trabalheira. Tio Antônio, vindo do Rio de Janeiro também para uma visita acertou detalhes da mudança, garantiu despesas, que o alforje dele era dos bons. E tudo se arrumou. Em Massapê, junto a parentes queridos e na tranqüilidade de uma grande casa, viveram ainda minhas tias por muitos anos. Perderam sua autenticidade, um pouco, mas creio que levaram alguma vantagem. Aprenderam a beber guaraná e comprar carne pelo peso. Que horror! A última vez que as visitei estava em companhia de dois ou três irmãos. Entramos na velha casa e lá estavam as tias, de roupa mudada para receber a visita ilustre do Sul. Sobre a mesa da sala de jantar uma garrafa de guaraná e alguns copos. E foi com expressão de triunfo que saiu a ordem: "Bebam..." Que saudade...

Tio Francisco

Quando me propus escrever este livro, naturalmente que despretensioso mas cheio de coisas minhas e que, portanto, será de todos que chegarem ao seu final, procurei dar uma ordem aos personagens, obedecendo não só à cronologia, mas também à importância que cada um exerceu na minha formação e exerce até hoje na minha lembrança. E dentre tios e tias, que são muitos e todos aqui estarão, o primeiro com certeza será o tio Francisco. E logo verão por que.

Tio Francisco morreu solteirão, como de resto muitos membros machos da família Carneiro. O celibato está muito presente em nossa família. Até meu irmão escritor, o Caio Porfírio, também o é. Isso sem falar nas mulheres que não casaram. Mas aí a coisa muda, porque não se sabe bem de quem foi a culpa... Mas como dizia, o tio Francisco morreu solteirão, apesar de duas ou três noivas que arranjou por esse mundo de Deus. Nenhuma conheci. Só de notícia. A última, soube até da história. Era um meio noivado. Nada oficial, mas coisa séria. Um dia o tio Francisco soube que a zinha estava de namoro firme com outro. Não teve dúvidas. Selou o ruço, um cavalão branco de longo rabo e compridas crinas brancas e seguiu para a cidade. Acho que Massapê. Chegou no fim da novena. Desceu do cavalo no patamar da igreja e foi avistando os dois. Não teve

dúvidas. Desabafou. Uma surra nos descarados. Os dois. Montou novamente e foi dormir, tranqüilo, no seu quarto da casa-grande. E de manhã cedo, no outro dia, com certeza me acordou e com certeza foi para o curral cumprir sua obrigação. Tudo esquecido, não se falou mais no assunto. O fervilhado ficou na cidade, que é próprio para essas coisas...

Homem de poucas palavras tinha, no entanto, uma curiosa mania: falar sozinho. E muito. O que me apavorava. Nas longas viagens a cavalo que fiz com o tio Francisco procurava ou me adiantar muito, quando conhecia bem o caminho, ou me atrasar o suficiente para não ouvir o seu intenso e complicado solilóquio. Muito querido pelos parentes, amigos e empregados, era o que se pode chamar de um bom homem. Seu humor, sério e acho que até mesmo carrancudo, era constante. Não oscilava. Vez por outra soltava piadas engraçadas mas não esperava nem aplausos e nem efeito. Dizia e ia saindo. Contam que logo após o casamento do meu pai, em Fortaleza, em 1918, o velho resolveu fazer uma visita à casa paterna para apresentar a primeira nora do meu avô. Minha presença já positivada, através de enjôos, passamentos e tonteiras, obrigou meu pai a adiar a viagem para daí a dois anos. 1920. Confirmada a ida, foi um rebuliço na Fazenda. Moça da cidade para chegar e com neto e o primeiro, era coisa para não se botar defeito. Falava-se em tudo. Roupa nova, pintura da casa, roçada do pátio, cortes de cabelo, milhões de detalhes. Mas nada de chegarem a uma conclusão. Nessa altura da discussão vai chegando o tio Francisco que, ciente do fato, propôs uma saída: "Larguemos a casa e ganhemos o mato..."

Morreu o tio Francisco em 1935, no dia 13 de maio, exatamente cinco dias após a morte de meu

avô, ocorrida no dia 8. Um não soube da morte do outro ou soube e calou-se, ficou no muito dentro... De todas as famílias numerosas há sempre um filho, ou filha, mais pegada ao torrão, aos velhos. Lá no Pau Caído o escolhido, por ele próprio ou pelos outros, foi o tio Francisco. Todos os irmãos saíram, emigraram à procura de fortuna, melhores ares. Ficou ele, os dois velhos e as irmãs solteiras que essas não poderiam se aventurar a nada. Naqueles tempos mulher era da camarinha p'ra cozinha, salvo as exceções e lá pelo Pau Caído não deu nenhuma. Mas nem por isso tio Francisco reclamou da vida. Acho mesmo que ele não seria figura de outra paisagem. Quando esteve em Fortaleza, alinhadíssimo no seu terno de casimira inglesa risca de giz com colete não deixava, nem por isso, de ser o sertanejo arrancado do seu torrão. Basta dizer que achava inútil o estribo do bonde. "P'ra que batente p'ra subir nesse carrinho..." Tenho presente um fato ocorrido desses dias memoráveis de sua passagem pela Capital. Nossa casa na Rua 24 de Maio era uma casa ampla, de muitos quartos, mas casa de rua, isto é, imprensada entre duas vizinhas. Tio Francisco foi alojado no segundo quarto onde a fraca iluminação era reforçada por duas telhas de vidro. Um grande cabide na parede também era usado por outra hóspede nossa, d. Amélia Araújo, irmã de um cunhado de meu pai, meu tio Chico afim, casado com a tia Maria. Certa manhã, depois que todos se levantaram e estavam à mesa do café dona Amélia pediu licença e entrou no quarto para mudar a roupa. Ela vestia somente preto, com rigor. Creio que uma viuvez andava pelo meio disso, não tenho certeza. Sei que era uma mulher dessas ditas *independentes*... Instantes depois ouvimos um grito terrível e

D. Amélia irrompe pela sala de jantar, em combinação, com o vestido preto na mão, completamente lambuzado de cusparadas de fumo. Tio Francisco passara a noite, na sua insônia, talvez lembrando o seu sertão distante, mascando fumo e cuspindo em direção a uma réstia de luz que descia da telha de vidro e que ele supunha fosse uma janela. E não era. Era o *crepe-georgete* do vestido da dona Amélia. Não sei se houve pazes futuras, mas na hora a coisa ficou preta e se não fosse a autoridade do meu pai, mais velho e dono da casa, tio Francisco teria treinado suas mãos calosas nas goelas inchadas de gritar de nossa hóspede. Para mim o que interessou muito foi ficar apreciando o espetáculo da dona Amélia, mas de combinação...

Mas como eu dizia antes, não sei se pelo fato dele ter ficado no Pau-Caído, ou por isso mesmo, tio Francisco tinha uma profunda identidade com o vovô. Quando o tio Francisco adoeceu, e nós só soubemos disso após sua morte, vovô levantava-se muitas vezes por noite a fim de ir vê-lo. Ele sofria de um aneurisma, o que lhe tirava o ar, na proporção em que a doença progredia. Numa dessas sortidas noturnas vovô apanhou um resfriamento numa perna que, depois de uma erisipela, veio a gangrenar, levando-o à morte. Já bem doente, levaram o tio Francisco para Sobral à procura de recursos. Passados alguns dias voltou, já desenganado. Não encontrou mais o vovô, já falecido e enterrado no túmulo da família em Santana do Acaraú. Enganaram-lhe, porém, dizendo que ele tinha ido se recuperar na casa de Miguel Araújo. O vovô faleceu supondo o tio Francisco muito melhor lá em Sobral. Cinco dias após a morte do velho lá se foi aquele que o acompanhou grande parte de sua vida. Lembro-me que ao receber o telegrama

em Fortaleza o papai me fez ir ao telégrafo confirmar o texto, pois imaginava ele poderia ser da sua irmã Francisca, já de há muito um tanto doente. Mas o telegrama foi confirmado e a tia Francisca ainda viveu muitos anos além dessa data.

Tio Francisco não era homem de risadas ou grandes demonstrações de alegria. Achavam as tias que ele *caducava* comigo somente porque ao viajar para Sobral, Massapê, Santana, Caraúbas ou qualquer lugar, invariavelmente me convidava. Acho que tinha um certo orgulho em me apresentar aos amigos. "Este é meu sobrinho. Filho do Zacarias". Comigo nunca deu muita confiança. As poucas perguntas que lhe dirigi, pois também aprendi a ser econômico com as palavras, recebi respostas curtas e corretas. Nas poucas vezes que lhe pedi dinheiro — "Tio Francisco, me dá dois tões..." — Lá vinha o moedão grande de níquel para ser trocado, parte por cocada e parte por cigarro Yolanda. Acho que foi o vício (?) que me ensinou a pedir o dinheiro... Minha mãe o adorava, porque o tio Francisco além de respeitá-la como matriarca daquela ninhada (na época eram 8, os outros dois vieram depois), zelava para que nada faltasse quando de nossas temporadas na fazenda, quase sempre acontecidas com a ausência do papai que aproveitava essas folgas para suas viagens ao sul do país a negócio.

Sua pessoa marcou profundamente a minha mocidade. Tio Francisco foi um Carneiro dos mais autênticos, pelo seu *facies*, pela sua firmeza, pelo seu amor seco às coisas de terra. Não choramingava, não alardeava, fazia as coisas com simplicidade e como tinham de ser feitas. Sem mais e sem menos. Acho que é no Evangelho que está dito "a virtude está sempre no meio". Pois este cara, que Deus me perdoe

o carinho exagerado da expressão, estava sempre no meio. No trabalho, na ajuda aos amigos ou aos precisados, na alegria das coisas simples ou solenes, na tristeza das grandes tragédias ou dos rápidos tombos da vida, em tudo, até no seu caminhar, a pé ou a cavalo. Sempre o mesmo. Nada de correr na descida para remanchar nas ladeiras. Firme, p'ra frente, andando sempre. Não assisti sua morte mas tenho certeza que foi serena como sua vida e nem poderia ser de outra forma, pois uma não é o retrato da outra?...

Tio Antônio

Foi este considerado o super-homem da família. O mais rico. O mais sofisticado. Quis até mudar o nome da fazenda. Pau Caído caía muito mal. Em reunião de família optou por um nome mais felino. "Maracajá". Durou pouco a ousadia, porém. Desistiu quando recebeu uma carta da tia Clarisse que começava assim: "Fazenda Maracajá, tanto, de tanto. Caro irmão Antônio, aqui pelo Pau Caído vão todos bem, graças a Deus". Não fez isso por mal, porém. Era um cara ótimo. Tenho-o na conta realmente de um super-homem. Saiu do Pau Caído com 17 anos, "sem dentes e analfabeto" como costumava dizer. Foi para o Rio de Janeiro, onde fez fortuna, e o que é mais importante, fez nome. Nome de homem culto, dominando algumas línguas, muito honesto, corretíssimo nos seus negócios. Um homem de bem.

Na sua bondade ajudou a toda a família, inclusive a de meu pai, que quando morreu, ou melhor, no começo da sua morte — início de sua doença — tio Antônio foi o esteio que agüentou a sobrinhada. E eram dez. Mamãe o adorava. Nunca lhe fez uma carta ou passou um telegrama aflito para não receber o conhecido "Via Western", pois ele não usava o nosso Nacional, nessa altura dos acontecimentos capenga e desmoralizado: "Receba Exportadora....." Mamãe tinha alguns ídolos que ela colocava em

pedestais intocáveis. Entre eles acho eu que merecidamente estava o nosso querido tio Antônio.

O tio Antônio foi para o Rio de Janeiro aí por volta de 1914 ou 15. Sei que no começo trabalhou num escritório como moço de recados. Ouvi certa vez ele relatar que à noite treinava a escrita até tarde, só largando a empreitada quando a munheca estava doendo. Não conheço sua trajetória daí até o ponto em que o conheci, já como um grande corretor de algodão no Rio de Janeiro, representando lá, uma das firmas mais importantes do Ceará da época que era a Exportadora Cearense, além de negócios também mais ou menos permanentes do sr. Pedro Riquet, este também no ramo de corretagem de algodão, mas em Fortaleza. Como disse, não conheci sua trajetória, mesmo porque naquela época, menino tinha o seu lugar, não se metia em conversa de gente grande. Com certeza, porém, foi árdua porque naquele tempo somente o valor pessoal tinha vez, salvo, naturalmente, os que já nasciam grandes, o que não era decididamente o caso dele. Morou em pensões manbembes, quartos de água-furtada, deve ter passado muitos dias com um almoço de china e um jantar arremedado, mas chegou lá. Era um homem extremamente convicto de suas decisões. Acho que depois de tomar um caminho, só matando, como se diz no sertão...

Depois de sua saída do Ceará voltou uma vez, rapidamente, creio que em 1924. Sua visita triunfal, pelo menos para mim, foi em 1927, quando saiu de Fortaleza, com o papai, de automóvel, via Santana do Acaraú, Itapipoca, S. Bento da Montada. Nesse ano ele desembarcou com uma bagagem imensa. Lembro-me que para minha mãe trouxe um aparelho de louça, completo, chinês. Se me fosse dado desenhar

com exatidão, com certeza eu faria aqui a cabeça dos dragões daquelas lindas xícaras e pratos. Para a vovó trouxe também um aparelho completo de jantar, este porém de louça inglesa, que é mais rústico, para o sertão. Imagem do tempo em que se comprava louça inglesa como mais rústica... Para o tio Francisco, e disso eu lembro com cores muito presentes, uma sela gaúcha de couro trabalhado, toda equipada. Era um primor. Cheguei a montá-la duas ou três vezes, por concessão especial do seu orgulhoso dono. Também nesse ano de 1927 o tio Antônio assistiu a moagem de cana na fazenda, fez caçada e nessa eu estava presente e assisti seus ótimos tiros de rifle, além de ter comprado do João Pontes um pedaço de terra denominada Raposa que havia sido desmembrado do Pau Caído num inventário maluco qualquer e mandou refazer o açude grande, matando formigueiros, ampliando a parede. Gastou dinheiro para valer. Deu demonstração do triunfo que alcançou pelo Sul.

Voltou ao Ceará um ou dois anos depois, não estou bem certo. Visitou novamente o Pau Caído, mas desta vez foi uma viagem apressada, creio que de negócios. Lembro-me perfeitamente que o papai havia construído uma nova casa a que demos o nome de *chalé* e foi lá que recebemos o tio Antônio. Eu já andava pelos 10 ou 11 anos e as coisas que aconteciam eu já as compreendia com melhor clareza. E foi com essa clareza que tomei conhecimento, pela conversa dos grandes, de um telegrama chegado do Rio ou de S. Paulo onde era anunciado o grande prejuízo sofrido pelo nosso tio numa sortida de negócios feita no ramo de café. Foi o ano da *débâcle* de S. Paulo. Mas suponho que o tio Antônio recebeu bem o *knock-down* pois não foi ao chão e continuou

lutando, sem nunca mais, porém, deixar o seu negócio, o algodão.

Revi mais uma vez o tio Antônio, quase furtivamente, em 1935, no ano em que faleceram o vovô e o tio Francisco e em que chegara inesperadamente ao Ceará tio Porfírio. Ele vinha com a ingrata incumbência de convencer ao tio Porfírio de não voltar para a Amazônia, permanecendo no Pau Caído para tomar conta da vovó e das tias. Demorou poucos dias. Viajou num hidro-avião da Panair e desta vez não se hospedou lá em casa. Ficou uma noite no hotel para viajar pela madrugada. Ou talvez já não pudéssemos hospedá-lo condignamente e receber seus amigos de Fortaleza. Isso eu não sei, só imagino. O que sei é que deixou tudo arrumado.

Em 1942 visitei-o no Rio de Janeiro. Era a primeira vez que eu vinha ao Sul, numa viagem funcional para o antigo IAPE, de que era agente no Maranhão. Convidou-me para almoçar em sua casa, na Rua Domingos Ferreira, em Copacabana. Até o número eu lembro, era 142. Uma casa bonita, fachada de pedra. Cheguei por volta das onze e conheci nesta visita a minha tia Maria, sua esposa, filha do saudoso Jorge Schmidt, fundador da *Careta*. Eram também convidados uma irmã da tia Maria e seu marido, um alemão diretor ou gerente da Casa Lohner. Foi uma conversa formal e distante. Eu não me considerava daquele ambiente. Estava aflito. Com medo das louças finas e da comida que viria. E justamente aí aconteceu. O almoço foi servido à francesa e o primeiro prato foi de verduras. Coisas esquisitas que eu nunca vira. Eu era simplesmente um cearense, residindo há pouco no Maranhão, acostumado com a carne, a farinha e o arroz. Verdura para nós era cebolinha, coentro e tomate. De repente

aquela montanha de coisas coloridas na minha frente. Mas eu não tive dúvidas. Balancei o dedo e disse para quem estava servindo: "Eu não quero... não gosto". Houve um silêncio constrangedor e eu já estava procurando um buraco quando o tio Antônio me socorreu: "Até que enfim a libertação. Também não gosto e hoje não vou comer..." Risadas, descontração, e mais um crédito para a conta-corrente longa e imorredoura desse querido tio. Eu estava hospedado na casa de um conhecido do Ceará e foi aí, três ou quatro dias depois, à noite, que o tio Antônio me anunciou, pelo telefone, a morte do meu pai em Fortaleza: "Alô, quem fala... Manoelzinho?... Você precisa vir me visitar. Seu pai acaba de falecer em Fortaleza..." Era 7 de julho de 1942. Eu estava me paramentando para ir conhecer o famoso Cassino da Urca. Não fui e nunca mais também, porque quando voltei ao Sul ele já não mais existia.

Tio Antônio casou-se com a tia Maria no mesmo ano da morte do vovô, em 1935. Tiveram três filhos, Maria Amélia, Lúcia e Ângela. A do meio tem problemas de saúde desde pequenina e mora ainda hoje com tia Maria em Petrópolis. Maria Amélia, uma moça extremamente culta e inteligente, casou-se, enviuvou e reside no Rio de Janeiro. Há anos não a vejo. Ângela mora nos Estados Unidos, casada com um rapaz que é funcionário de um desses órgãos, aí pelo exterior.

Vim a conhecer melhor o tio Antônio quando me mudei para o Sul, em 1947, e passei a visitá-lo, quer em casa, quer no escritório, com mais freqüência, mantendo longos papos. Sobre política, sobre economia, sobre o mundo em geral. Não gostava de falar sobre o Pau Caído. Creio que ele, quase que como eu hoje, acreditava que os muitos erros e sofri-

mentos do nosso sertão, são produto de uma estrutura defeituosa e uma preguiça quase conseqüente. Tinha raiva de nada ser feito sobre aquilo. Por ninguém, particulares ou oficiais. E já que nada podia ele fazer, cá de longe, a não ser minorar com algum dinheiro sofrimentos materiais permanentes, deixasse p'ra lá. E disso não falávamos. Mas gostava de falar das fazendas de S. Paulo, das granjas.

Não estou bem certo, mas acho que foi em 1955, certo dia recebi em minha casa, na Rua Indiana, a visita da tia Maria e do tio Antônio. Eu acabara de chegar do Ceará onde tinha ido coordenar a viagem de minha mãe e meus irmãos aqui para S. Paulo. Tio Antônio chegou lá em casa muito alegre, conversando, viera dar um passeio. Na conversa surgiu uma vontade de visitar Santos e rever um amigo e parente lá residente, o João Hermano. Ofereci-me, insisti, e lá fomos nós, tio Antônio, tia Maria, eu e minha mulher. Meu carro apesar de novo era pequeno e desconfortável, mas a viagem foi agradável e divertida. Almoçamos no restaurante do Hotel Atlântico. Na hora do almoço, uma peixada naturalmente, tio Antônio pediu vinho e tia Maria fez um brinde discreto, quase íntimo, um brinde de amor. Com insistência viemos a saber, era seu aniversário, dia 20 de março.

Depois do almoço visitamos o João Hermano e sua esposa Laura, na Avenida Ana Costa. Seus filhos não estavam. Acho que tem um homem, hoje alto oficial do exército, Jacob, Magnólia e outra irmã cujo nome esqueço. Parece-me que ambas residem hoje em Campos do Jordão. Grandes conversas, reminiscências da mocidade, negócios, café, algodão, imóveis, já este agora o meu terreno, e regressamos à tardinha. Fui levá-lo ao hotel e dia seguinte tio Antônio voltou para o Rio de Janeiro.

Salvo minha mãe e meu pai, creio que foi um dos casais mais bem ajustados que já conheci. Nos gostos, em tudo. Apenas quando andavam na rua o tio Antônio ia sempre, com suas grandes passadas, três ou quatro metros adiante da tia Maria. Aliás isso parece mal dos Carneiros porque eu próprio vez por outra estou na bronca... Revi tia Maria há pouco mais de um ano, aqui em S. Paulo. Ela ia a Taubaté à procura de um lugar adequado para a Lúcia. Estava preocupada em que Lúcia, depois de sua morte, que eu espero demore muito ainda, continue recebendo o carinho e o desvelo que até aqui lhe foi dispensado.

Como eu disse antes, tio Antônio era de atitudes definitivas. Devia analisá-las muito porque depois de tomadas, era aquilo mesmo. Creio que a única coisa de que ele já recuou foi em relação à sua comadre Julinha, minha mãe, também teimosa, talvez menos inteligente mas com a intuição quase tocando a divindade. Tio Antônio nos ajudou muito, na doença de meu pai e depois de seu falecimento. Mas logo após esse triste fato ele fez para a mamãe uma longa carta, argumentando que seria impossível para ela criar numa capital 10 filhos, o mais velho com 21 anos. Que ele desejava que ela fosse com todos para o Pau Caído, lá ele daria a ajuda de que carecêssemos. Mamãe recebeu a carta e chorou muito, lembro bem. Suponho porque ela além de respeitar muito o tio Antônio e considerar sua ajuda indispensável também achava que uma opinião daquelas lhe tirava o alento. Mas não teve dúvidas, no dia seguinte respondeu dizendo que não iria criar os filhos analfabetos e sem dentes, como ele próprio dizia. Que se ele quisesse mandar uma ajuda que Deus o abençoasse;

se não, também Deus haveria de mostrar um meio de criar e educar os filhos. Tio Antônio não respondeu, mas também nunca faltou com sua ajuda, que para nós foi a de um deus pois sem ela, não sei não... Quando minha irmã Rachel terminou o curso e mandou o retrato de formatura ele escreveu para a mamãe. Erro ele não reconheceu, mas parabenizou a heroína... E sei que a formatura sucessiva dos meus irmãos foi motivo de muita alegria para ele.

Tio Antônio teve um primeiro enfarte. Fui visitá-lo em casa de sua sogra, no Alto da Boa Vista. Estava deprimido e abatido, psicologicamente. Para ele o enfarte, e chegou a dizer, era uma *desmoralização* (?). Qualquer outra coisa, até uma doença maligna seria aceita com resignação, mas um enfarte não. Isso ele não admitia. Acho que por serem raros os casos de cardiopatia na nossa família. Refez-se, porém, e lentamente voltou a trabalhar para recair e morrer uns dois anos depois, por volta de 1960. Dias antes de sua morte fui visitá-lo; morava então numa casa na Rua Alice. Estava *lá em cima* e eu subi para o papo costumeiro. E ele foi logo dizendo: "Engraçado, "seu" Manoelzinho, eu com uma tosse danada há muitos dias e ninguém sabia o que era, nem os médicos. De repente me dão um xarope anti-alérgico e passa tudo..." Mas não passara. Haviam dado tônicos cardíacos que sua tosse já era prenúncio do cansaço do velho órgão. Faleceu tranqüilo, deixando um mundo de saudades para a mulher, os filhos, os sobrinhos, os amigos. Eu, por mim, nunca consegui repor ninguém no seu lugar. Deixei de ir ao Rio de Janeiro. Depois de sua morte há tantos anos, voltei lá quatro ou cinco vezes, se muito. Para mim aquela cidade está incompleta. Falta o seu melhor cidadão, embora

ele tenha vindo de outras paragens. Falta para mim o papo amigo, os conceitos precisos, as opiniões definitivas e acertadas sobre pessoas e coisas. Embora que todas viessem um pouco revestidas do amargo pessimismo do nosso sertanejo que, apesar da cultura, da boa mesa e das roupas finas, na verdade ele nunca deixou de ser...

Tio Porfírio

ESTATURA um pouco acima da mediana, quase alto. Magro, talvez até muito magro, como a maioria dos Carneiros, tio Porfírio foi um dos que mais cedo emigrou. Minha avó tinha um irmão, o tio Vicente, que no começo do século se embrenhou pelo Amazonas e fez fortuna, se fixando com um grande seringal no Rio Tapajós, no Estado do Pará. Foi para lá que ele levou o tio Porfírio, ainda rapazinho. Não tenho muita certeza, mas acho que o tio Vicente quis constituir no tio Porfírio, uma vez que do seu casamento com d. Chiquinha não houve filhos, o seu herdeiro. Tio Porfírio se integrou totalmente na vida da selva amazônica, na vida do seringal, da qual nunca mais desencarnou como se diz vulgarmente, mesmo tendo voltado para o Ceará e aqui vivido mais de trinta anos.

Tio Vicente devido a seguidos acessos de maleita acabou adquirindo uma violenta hepatite que foi curar na Europa. Na Suíça, segundo se comentava. Recebeu, no entanto, dos médicos gringos, junto com a alta, a sentença cruel: faça tudo mais não volte para a Amazônia. Mas o velho não se conformou e acabou transgredindo a ordem. E transgrediu-a para morrer. Voltou ao seringal e meses depois lá veio a sezão braba, o tratamento com quinino e o fígado velho abalado se desfez. Voltou à Europa e de lá para o Ceará, já desenganado, portador de uma hidropsia.

Esteve em nossa casa em Fortaleza uma temporada. Vez por outra, acho que semanalmente, vinha lá em casa o dr. César Rossi que lhe espetava a barriga e tirava litros de um líquido amarelado como urina. No quintal onde as empregadas despejavam o urinol o terreno ficou marcado por muito tempo. Lembro-me ainda hoje como me foi difícil entender o fato de se furar a barriga de alguém e o buraco não ficar aberto. Certo dia o tio Vicente soube que um remédio santo era urina de vaca. Não teve dúvidas, arrumou as malas e lá se foi para o Pau Caído. Hoje eu sei que não era remédio nenhum, mas a simples volta do sertanejo, qual um elefante ferido, procurando o local da morte. Contam que lá na fazenda, manhãzinha cedo, enquanto outros bebiam leite, o tio Vicente tomava alguns goles de urina de vaca. Mas durou pouco. Logo piorou e morreu, deixando como lembrança histórias fantásticas do Amazonas, das muitas viagens pelo mundo e uma viúva pequenina, magra, triste e acho que até muito precisada.

A primeira vez que vi o tio Porfírio foi no mesmo ano da morte do tio Vicente e da nossa ida ao sertão, 1927. Morávamos na Rua 24 de Maio e o tio Porfírio ocupou em nossa casa o mesmo quarto que antes ocupara o tio Francisco. Tão logo chegou adoeceu. Muita febre. Chamaram o dr. César Rossi e também o dr. Antônio Justa, este amigo pessoal do tio Porfírio e que vivera também no Pará. Foi diagnosticado malária. Mas o tio era forte, novo e agüentou bem os tremeliques e as mazelas dessa doença terrível que desmorona o sonho e o ânimo dos brasileiros que vivem nessa imensa região do Brasil, tão hostil e tão doentia quanto no tempo do tio Vicente e tio Porfírio, apenas com a vantagem do jato, DDD e dos remédios mais eficazes.

Nesse ano, depois de curado da febre e já metido no seu terno branco e sapato de duas cores com relógio de ouro e corrente vistosa, tio Porfírio viajou para a fazenda. Tenho uma vaga lembrança que foi sua primeira visita depois da ida para o inferno verde, como então se chamava aquela região. E voltou o tio Porfírio faceiro e baludo. Trazia muito dinheiro, para a época, naturalmente. Foi aí que comprou para meu avô, em Massapê, uma grande casa e mobiliou-a toda, com cadeiras austríacas e outras granfinagens. Não podia ele prever que seria naquela casa que iria morar, depois de casado, em Massapê e com uma moça da cidade, e também seria naquela casa que viveria muitos anos até sua morte.

Todos os irmãos do meu pai, como ele próprio, foram autodidatas. Uns mais ilustrados, outros menos, todos, porém, excepcionalmente bem dotados de inteligência. Tio Porfírio não fugia à regra e somava a isso uma grande simpatia pessoal. Era um excelente contador de histórias e também um ouvinte dos mais atentos para as histórias alheias. E quando o ouvinte permitia ou solicitava informações ou histórias sobre o Amazonas, o seu querido Tapajós, aí a coisa engrossava. Tio Porfírio discorreria horas, se preciso fosse, sobre os seringais e seus mistérios.

Quando o vovô e o tio Francisco morreram, em maio de 1935, a fazenda ficou entregue às três tias velhas e à vovó, já muito velhinha. Não houvera maneira de comunicar a triste notícia ao tio Porfírio. Não se sabia o endereço e o Tapajós é comprido... Mas em setembro, certo dia o tio Porfírio arrancou lá em casa, como ele mesmo dizia. Morávamos na Praça S. Sebastião e ele chegou cedo, quase na hora do almoço. Quando nos viu de preto, inclusive a mamãe, anteviu tragédia. Só não imaginou que fosse

tão grande. Chorou com discrição e marcou viagem para a fazenda. Eu nessa época estava terminando o quinto ano ginasial e fazia o curso anexo da Escola de Agronomia, que funcionava na Rua 24 de Maio, perto da Praça da Estação. Mas não tive dúvidas. Passei logo uma conversa no tio Porfírio para ir com ele até a fazenda que dois ou três dias de aulas perdidas não tinham importância. Somava-se o fim de semana e lá estava eu com um bom pedaço de férias. Além do mais queria ver as tias e a vovó e principalmente, no meu íntimo, creio eu, ver o Pau Caído sem os seus dois mais importantes personagens. Com relutância mamãe deu seu consentimento e o tio Porfírio concordou. No mesmo dia fomos comprar as passagens e de passagem pela loja "A Espingarda" o tio Porfírio comprou uma lazarina. Era o máximo. Uma bicha daquelas, nova em folha, com sacola de munição e tudo mais. As jaçanãs do açude que se cuidassem. E também as avoantes, que era setembro e os primeiros bandos já apareciam pelo sertão.

Saímos de Fortaleza no dia seguinte, depois do almoço. Uma viagem comprida e meio sofrida. Poeira como diabo. Eu não sentia nada. Mas o tio Porfírio mal falava, só agüentava firme a caminhada. Curu, Riacho da Sela, S. Francisco do Uruburetama, Irauçuba, Forquilha, Sobral. Chegamos tarde da noite e fomos nos hospedar na Pensão da Dondon, que ficava ao lado da Igreja do Rosário, em Sobral. Ocupamos o quarto da frente e arrumados os trens adormecemos, cada qual na sua rede. Acordei cedo de manhã com os solavancos do tio Porfírio em minha rede: "Acorda, Manoelzinho. Fomos roubados". A princípio não entendi bem. Depois de ter ficado de pé e já bem desperto foi que percebi a tragédia, nada no quarto. A primeira falta que notei foi da lazarina. Mas tinham

levado tudo. Roupas, sapatos, dinheiro. Ficaram apenas, embaixo da rede do tio Porfírio, o seu revólver e um punhado de níqueis. Eu estava com um pijama velho. Tio Porfírio, também. Depois da surpresa e do alarme, a chegada da polícia e tudo mais, tio Porfírio conseguiu uma calça e eu outra e saímos para tomar providências. Procuramos a casa de comércio do Francisco Romano da Ponte que nos franqueou tudo: levou-nos ao alfaiate e forneceu dinheiro. Tio Porfírio telegrafou para o Pará, Casa Antunes, se não me engano, que eram seus compradores e fornecedores do seringal e pediu quatro contos de réis. No mesmo dia à tarde o alfaiate já aprontara calças e já comprávamos camisas. O dinheiro chegou no outro dia.

Sempre que recordo essa história me vem à mente um detalhe que ocorreu comigo onde eu fui obrigado a dar uma de machão. Naquela manhã, quando a polícia chegou, houve muitas indagações, solicitações de pista e eu, bancando o sherlock de arrabalde para o delegado: "Seu delegado, na hora que desembarcamos ontem, o carregador gostou muito da espingarda (o negócio era a lazarina...), perguntou inclusive pelo preço e ficou alisando a bicha..." — "Quem era ele?", quis saber o homem da lei. "Não sei não. Lembro apenas que era caraolho..." — "Ah! já sei quem é. É o Júlio Caraolho." Chamou um soldado e mandou buscar o tal carregador e o trouxeram na pensão para reconhecimento. Eu o reconheci prontamente, mas aí saiu a jura: "Eu não roubei nada de ninguém. Vocês vão revistar minha casa. Se não encontrarem nada (e virando-se para mim) você me paga". E nada foi encontrado e o homem foi solto. Ficamos ali pela pensão, sem poder sair, aguardando a roupa. Uma moreninha estava por lá dando sopa e a vítima do roubo, eu,

fui objeto de sua simpatia. Quando recebi as calças, já tardinha, convidei a morena para ir ao cinema. Ela topou. Mas aí vieram as ponderações: "Acho bom não ir que aquele Júlio Caraolho é malvado". Fiquei entre a cruz e a caldeirinha. Mas resolvi que a morena valeria o sacrifício e apelei p'ro tio Porfírio: "Me empresta o revólver que eu quero ir ao cinema". Achei que se ele negasse eu poderia sair otimamente da empreitada. Mas nada, o tio me deu o bicho e só recomendou: "Tenha cuidado". Fui ao cinema e voltei agarrado na coronha e o dedo no gatilho do único salvado daquela tragédia. Felizmente o Júlio Caraolho não apareceu, pois eu tenho a impressão que qualquer um de olho meio desmentido que tivesse a infelicidade de cruzar comigo naquela noite levava chumbo.

Dois dias depois fomos para o Pau Caído onde passei mais dois ou três dias tristes e inquietos. Creio que foi nessa viagem que eu primeiro senti a marca que faz na gente a falta de um ente querido. Até então eu não saberia dizer. Tio Porfírio ficou por lá e aguardou o tio Antônio, que veio do Rio de Janeiro para convencê-lo a ficar no Pau Caído. Embora que depois desse encontro com o tio carioca o tio Porfírio houvesse marcado viagem mais de uma vez, o que é certo é que ele acabou ficando. Embora ele nunca tivesse confirmado, acho que até noiva ele largou lá pelo Tapajós, assim como largou tudo mais. Nunca soube como acabou aquilo por lá. Coisas assim ele não comentava. Só relembrava a abundância, as caçadas, as festas de barranca de rio ou dos tortuosos igarapês. Creio porém que ele vendeu tudo por procuradores ou coisa assim.

Depois de algum tempo na fazenda, com as tias já muito velhas e a vovó já bastante doente, tio Porfírio resolveu se mudar para Massapê onde foi morar justamente na casa que adquirira para o vovô em 1927. Vizinho morava uma moça, muito agradável e trabalhadora, que cuidava de sua mãe doente. Maria se chamava. Maria Alves. Daí nasceu uma amizade, da amizade o namoro e deste o casamento. Casou-se o tio Porfírio com 50 anos de idade. O tio Antônio achava um absurdo e dizia até de maneira irreverente: "O Porfírio vai constituir família para os outros criarem". Mas a sua sabença da praça já desbotara a que ele deveria ter, a do homem do sertão. Tio Porfírio teve quatro filhos e conheceu netos. Duas de suas filhas, a mais velha e a mais nova, vivem em S. Paulo, casadas com dois dos meus irmãos. A do meio, Odaléia, é advogada e mora em Fortaleza, já casada e com alguns filhos. O único filho varão é engenheiro químico formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tia Maria ainda vive em Massapê, na mesma casa e com a mesma mobília de cadeiras austríacas. Está firme e acho que ainda comerá queijo de muitos invernos.

Tio Porfírio morreu com quase oitenta anos, setenta e nove para ser preciso. Ele nascera em 1888, quinto filho do "seu" Martiniano e faleceu em Massapê, em 1967. Até morrer teve uma vida útil e movimentada. Aliás sua morte se deu no Pau Caído. Antes ele já tivera algumas manifestações de insuficiência cardíaca. Deveria viver meio parado, sem andar muito, sem fazer esforços. De repente se sentiu forte o bastante para querer ir à fazenda, que ir ali acho que é uma doença. Foi e certa manhã saiu da casa do vaqueiro, que ainda hoje exerce sua função conosco, o Vicente Valdevino, para ir fazer uma visita ao pai dele, José Valdevino, já cego e bem velhinho. Foi e voltou a pé e numa passada de broto.

Ao chegar pediu uma cadeira que não estava se sentindo muito bem. Conceição, esposa do Vicente, deu-lhe a cadeira onde ele se sentou e morreu. Tranqüilo, sem um gemido.

Seguiu a trilha do meu avô e acho que de todos. Era um homem justo e bom. Deixou amigos e muitas saudades. E no Pau Caído também ficou a sua marca. O alpendre da casa-grande. O fato de eu não gostar do alpendre não quer dizer nada porque o que eu gostava do velho acho que dá p'ros dois, e com sobra...

Tio José

Foi o último a emigrar do Pau Caído e o primeiro a falecer, dos que saíram, pois dos irmãos o primeiro a morrer foi o tio Francisco.

Tio José foi vítima de doença insidiosa, um câncer, sucumbindo muito moço, na casa dos 40. Era o caçula da família, nascido em 1897. Era pequeno e magro, parecido com meu pai, que puxaram à vovó. Trabalhava no Rio de Janeiro com o tio Antônio e casou-se com uma moça culta e trabalhadora, dona de um colégio na Tijuca, tia Elvira. Dele tenho lembranças muito vagas, com a presença mais marcante para o chapéu de palhinha e sapatos brilhantes. Sei, pelos comentários da família, que era tímido e um tanto doentio. O tal raspa de tacho, filho de pais velhos. Guardo, porém, na lembrança dois fatos inesquecíveis para minha alma de criança e até hoje, que embora envelhecida e mais sofrida esta alma velha de guerra não deixou de se embevecer e vibrar com um dos fatos e se admirar e matutar sobre o outro, este não assistido por mim mas muito comentado na fazenda.

Vou começar por este último. Como já disse ao falar de outros, 1927 foi o ano de minha apresentação formal e compreensível com a fazenda, a casa-grande e seus queridos personagens. Pois foi também nesse ano, tão logo o tio Antônio chegou do Rio e creio que antes da chegada do tio Porfírio, tio José apor-

tou no Ceará. Não sei se havia alguma combinação entre os irmãos para visitarem a fazenda naquele ano, mas não creio. Eles não eram disso. Foi coincidência, simplesmente.

Pois bem, tio José aportou em Fortaleza, num navio qualquer, trazendo montes de presentes. Lembro perfeitamente que a tia Clarisse ganhou uma vitrola com alguns discos, entre eles um meio samba que dizia nos seus versos: "A minha sogra morreu/ Oh! que bela coisa/ Oh! que coisa bela/ Era uma pobre senhora/ tanto o diabo fez/ Que ficou com ela..." — Trazia também grandes balaios de laranja de embigo, como se dizia, trazidas da Bahia. Inclusive se conta, talvez com alguma maldade ou gozação, que ao chegar com duas dessas cestas na fazenda as tias enfurnaram as ditas na camarinha e para não gastar logo foram esperando. Mas as laranjas começaram a apodrecer e todo dia elas punham duas ou três fora, até acabar, mas não cometeram o pecado de comer coisas tão bonitas...

Quando o tio José chegou na Fazenda o vovô havia comprado uma burra nova e bonita, chamada "Veada". Tio José logo paramentou-se todo, colocou a sela nova do tio Francisco na bicha, calçou botas que trouxe da Cidade Maravilhosa, esporas, camisa de xadrez. Mas ninguém avisou que a burra, muito matreira, não aceitava espora. Era cutucar com espora e ela jogava o cabra no chão. Só se usava com ela um chicote, que não precisa mais, era animal árdego e ligeiro. Mas não tinha importância que o tio José dos matutos de cidade ele só tinha mesmo a roupa porque o que ele era e sempre foi era matuto dali mesmo. Depois de estar em cima do animal só se morresse. Mas aconteceu que ele não chegou a ficar bem em cima. Pôs o pé no estribo e passou a perna.

No meio desse movimento a burra sentiu a espora e deu o primeiro pulo. O cavaleiro se agüentou mas não conseguiu acabar de montar e nem tirar o pé do estribo, que ali enganchara. E a espora a furar e a "Veada" a saltar. Gritos, alvoroço, só não houve desmaio que é coisa que não se usa no sertão. Lá pode se desmaiar de fome, de medo nunca. Papai correu para pegar uma faca e cortar o loro da sela. E o pobre do tio José de cada dois ou três pulos batia ora com a cabeça, ora com o ombro no cascalho do terreiro. Nessa confusão chegou o tio Francisco que com sua valentia, força e tamanho saltou nas orelhas da "Veada" e sugigou a bicha. As férias do tio José se prolongaram por mais de um mês e não houve mezinha naquelas redondezas que não fosse usada. A "Veada", com toda a sua beleza foi vendida, acho que até com prejuízo porque de burra treiteira o matuto corre as léguas. E meu avô não era homem de vender um animal sem contar das suas manhas. E o cara que fez o contrário com ele ou se mudou da região ou ouviu uma descompostura calado e ainda pediu desculpas.

O segundo eu o vivi pessoalmente. Todos os meus tios, embora famosos pela "secura" dos Carneiros, davam-me muita atenção. Talvez o sobrinho não merecesse tanto, mas com certeza o irmão mais velho estava por ali de olho. E o tio José estava nesse regulamento e assim, vez por outra, lá ia eu acompanhando o "almofadinha" (ele tinha fama disso porque realmente só andava na estica) até o centro da cidade, ao mercado, à missa, ou em visita aos parentes.

Numa dessas escapadas fomos parar no mercado e no local destinado à venda dos pássaros, o que era meu encanto. Felizmente naquele tempo não existia

o tal de IBDF que com a pretensão de proteger espécies da nossa riquíssima fauna canora na verdade o que faz é incentivar a importação de pássaros de outras paragens, os tais alienígenas, completamente estranhos às nossas paragens e ao nosso gosto, acrescido de que a única coisa que eles trazem de bonito são as penas porque cantar que é bom, isso eu não conheço.

Mas como eu dizia, não existindo o IBDF no mercado central havia um departamento somente para a venda de pássaros, gaiolas, alpiste, painço, etc. E foi numa tarde qualquer que eu e o tio José aportamos por lá. Eu devo ter perdido a fala, principalmente depois que o tio se interessou por uma gaiola de barba de bode, talas de cedro envernizado e um casal de canários de briga, amarelos como gema de ovo. A conversa com o vendedor foi demorada e aflita a minha espera. A única coisa que eu ouvi e esqueci o resto foi que o nome do canário era "Pregão", isso pela sustância das suas garras aliadas à sua valentia, tinha vindo do Crato e custava, com a gaiola, vinte e cinco mil réis. Devo ter imaginado naquele instante que o cara estava doido porque não deveria existir no mundo aquele dinheiro todo... Mais tonto eu fiquei depois de saber que de fato o tio José não tinha os vinte e cinco mas tinha vinte e dois e por essa quantia comprou o "Pregão".

E lá fomos nós para a "Praça" pegar o bonde. Ele não me disse que o canário era meu, nada disso, o canário era dele, comprara para um amigo. Mas já me atribuíra o privilégio máximo de cuidar do bicho... A primeira providência, ao chegar em casa, foi o prego na parede do alpendre. Rompida a proibição da d. Júlia (nada de furar a parede...) conseguir o martelo e o prego. E lá veio: comida três

vezes por dia, água limpa a todo instante, maxixe e acho que no fundo uma vontade louca de ver o "Pregão" transformado num touro para comer logo um feixe de capim...

Tio José viajou para o sertão, ficou por lá uma temporada e quando voltou, preparando-se para o regresso ao Rio de Janeiro, começou o meu suplício. Cada dia que passava era um dia a menos que eu estaria com o "Pregão". Quase na véspera da viagem, um ou dois dias antes de pegar o navio do Lóide, lá veio o tio José falar comigo para logo ir dizendo: "Bem, Manoelzinho, não vou levar o "Pregão", ele é seu..." Não sei da emoção daquele dia mas a de hoje eu sei que ainda é forte...

E o canarinho ficou comigo muito tempo até um belo dia amanhecer morto na gaiola, para desespero meu e de sua fêmea. Acho que morreu de velho. Dias antes já parara de estalar e andava com unhas muito crescidas, sinal claro de idade provecta, lá entre eles. Foi substituído por outro, por muitos outros, mas nenhum preencheu as suas características: ser o primeiro, ser valente, e ter sido um presente do tio José...

Meus Irmãos

Coisa engraçada está acontecendo comigo aqui. Estou terminando esta empreitada, terminando *o meu livro* e já estou com uma espécie de saudade. Parece até que não gostaria de terminar, ficar para sempre antegozando a sua feitura. E foi neste capítulo onde mais esta sensação se avivou. Estou guardando palavras, tenho medo de soltá-las, apesar delas virem ao meu pensamento aos borbotões. Acho que é porque aqui eu revivo a companhia dos *meninos*, nos unimos, nos juntamos novamente. O que fora daqui já é impossível, pois um já se foi, e nada melhor do que o dito da mamãe para completar o pensamento: Deus o levou. E muito cedo, deixando saudades imensas e um terrível desconforto. Mas é a vida. Querendo ou não, tenho que ir em frente.

Como já disse em mais de um lugar lá em casa éramos dez, sete homens e três mulheres. Pela ordem: Manoel, Rachel, Maria, Maria Lívia, Luiz Mauro, Caio Porfírio, Hesíodo Antônio, José Júlio, Ricardo e João Batista. Com certeza cada um, no meu bem-querer, na minha lembrança, nas muitas histórias e ligações da infância, mocidade e já agora quase na velhice, cada um mereceria não um capítulo, um livro. Mas aqui vou reunir a todas num feixe só, numa ruma, falando pouco ou quase nada, apenas um recado a cada um, que a cada um a vida com certeza ainda

reserva muitas coisas e das melhores. Portanto, ficarão todos num capítulo. Apenas o registro, apenas o certificado de Carneiro, de responsáveis perante os que ficaram para trás e os que virão aí pela frente, de uma bonita trajetória pela vida, numa linha tão reta quanto possível e quanto assim permitirem as vicissitudes a que cada qual com certeza terá de afastar, de pular por cima, para chegar ao ponto da bandeira quadriculada dos vencedores. Desculpem a tirada meio dramática, talvez até meio melosa e em descompasso com o nosso jeito de ser, mas não pude fugir. Estou escrevendo com o coração e ele ditou isso...

RACHEL — Minha irmã mais velha. Professora. Não casou. Um namorado, ou noivo compromissado seu morreu no afundamento do navio "Baependi" quando ia da Bahia para o Ceará visitá-la ou, quem sabe, casar. Acho que isso a tornou distante, indiferente a tudo e a todos, durante um longo período. Suponho que não conseguiu mais, com seu espírito retraído e metódico retomar novamente uma vida alegre. Nossa educação, nossa distância de morada, ela no Ceará e eu em S. Paulo, por longos anos, somados à nossa própria natureza nunca nos permitiu abordar tal assunto. É a Rachel pessoa extremamente metódica e organizada. Tem vida tranqüila com o Caio e a Dedé, a que todos nos criou, em sua própria casa, no seu cantinho, que é como gosta. Quem seria capaz de se aventurar a prognósticos? Eu a considero feliz. Muito amiga, sempre pronta a servir, pelo menos para mim seria muito difícil compreender a vida sem tê-la como irmã...

MARIA — Logo depois de Rachel. É a terceira e companheira inseparável de sua irmã mais velha. Foram sempre muito unidas. Maria casou-se com o dr. Raimundo Chaves da Cunha, um moço de Limoeiro do Norte, dentista de profissão. Mãe de três filhos ótimos, dois rapazes, Mauro e Raimundo e uma moça, linda e minha afilhada, Milene. O mais velho já está formado, é engenheiro, e o outro, depois de morar dois anos na França voltou ao Brasil e cursa o segundo ou terceiro ano de economia da USP, aqui em S. Paulo. Considero-os quase como filhos tão misturados eles foram criados com os meus. Aliás não conheço primos tão unidos. Para irmãos falta pouco. Maria é um tanto diferente de Rachel. Um pouco mais explosiva, herdou o temperamento completo dos Carneiros, inclusive o que, na nossa intimidade, chamamos da *nossa doença*: é extremamente nervosa. Vive todos os seus problemas por antecipação, o que às vezes é até bom porque quando o *bicho* chega já é velho conhecido. Nunca tomou injeção com medo que a agulha lhe injetasse, com o remédio, o tétano... Hoje, que precisa tratar de doença mais séria, toma injeção e nem lembra do tétano. Também já teve tantos... No resumo é boa criatura, muito inteligente, perspicaz, a quem dificilmente se engana quando, por qualquer razão, queremos lhe evitar dissabores. Vai vivendo a vida. Com o marido, com os filhos, com as suas manias e, principalmente, conosco. Estamos aí.

MARIA LÍVIA — Das três irmãs a mais nova, a menos Carneiro no físico, a menos intelectual, mas a reprodução viva de minha mãe, na *parecência,* na bondade, na sabedoria, na maneira de lutar. Muito bonita quando mocinha (e ainda hoje é) deu trabalho

à dona Júlia para controlar. Cabresto curto e uma luta terrível para estudar. Descobriu sua tendência quando entrou para a escola doméstica. Revelou-se exímia doceira, pintora razoável e outras aptidões que não requeressem decorar datas e muito menos verbos em francês.

Casou-se com Jeová Leão de Oliveira, também dentista e também daquelas bandas de Limoeiro. Filho de Quixeré, como disse uma vez em crônica, "a melhor cidadezinha do mundo"... Lívia, como chamamos em casa, teve três filhos, José Batista, Roberto e Fernando. Depois criou uma linda menina, hoje uma também linda mocinha, Laís Helena. Os filhos são ótimos e ainda estudam: o mais velho Odontologia; quer ser o herdeiro do trono ocupado pelo pai, com política, Prefeitura, fazenda e tudo; os outros dois engenheiros, Roberto na eletricidade e Fernando na civil. Laís Helena vai ainda na briga do ginásio.

Como disse, a Lívia herdou a disposição e a maneira de lutar de minha mãe. É dona da farmácia de Quixeré, comandou o estudo dos filhos em Fortaleza, onde tem uma linda casa, além de sua enorme morada de Quixeré, ponto de reunião de toda a cidade, principalmente na época de eleições, pois meu cunhado nesse assunto é o chefão. Dos Carneiros herdou a obstinação e uma distonia das mais danadas que vez por outra a deixa baqueada, quase desanimada. Passado o impacto, porém, vai em frente e firme. Acho-a fora de série. Foi a única que ficou longe do rebanho mas mantém, intacto, o que aprendeu com d. Júlia: a união faz a força. Qualquer um que chegue é uma festa. O mais velho então nem se fala.

MARIA — Logo depois de Rachel. É a terceira e companheira inseparável de sua irmã mais velha. Foram sempre muito unidas. Maria casou-se com o dr. Raimundo Chaves da Cunha, um moço de Limoeiro do Norte, dentista de profissão. Mãe de três filhos ótimos, dois rapazes, Mauro e Raimundo e uma moça, linda e minha afilhada, Milene. O mais velho já está formado, é engenheiro, e o outro, depois de morar dois anos na França voltou ao Brasil e cursa o segundo ou terceiro ano de economia da USP, aqui em S. Paulo. Considero-os quase como filhos tão misturados eles foram criados com os meus. Aliás não conheço primos tão unidos. Para irmãos falta pouco. Maria é um tanto diferente de Rachel. Um pouco mais explosiva, herdou o temperamento completo dos Carneiros, inclusive o que, na nossa intimidade, chamamos da *nossa doença*: é extremamente nervosa. Vive todos os seus problemas por antecipação, o que às vezes é até bom porque quando o *bicho* chega já é velho conhecido. Nunca tomou injeção com medo que a agulha lhe injetasse, com o remédio, o tétano... Hoje, que precisa tratar de doença mais séria, toma injeção e nem lembra do tétano. Também já teve tantos... No resumo é boa criatura, muito inteligente, perspicaz, a quem dificilmente se engana quando, por qualquer razão, queremos lhe evitar dissabores. Vai vivendo a vida. Com o marido, com os filhos, com as suas manias e, principalmente, conosco. Estamos aí.

MARIA LÍVIA — Das três irmãs a mais nova, a menos Carneiro no físico, a menos intelectual, mas a reprodução viva de minha mãe, na *parecência*, na bondade, na sabedoria, na maneira de lutar. Muito bonita quando mocinha (e ainda hoje é) deu trabalho

à dona Júlia para controlar. Cabresto curto e uma luta terrível para estudar. Descobriu sua tendência quando entrou para a escola doméstica. Revelou-se exímia doceira, pintora razoável e outras aptidões que não requeressem decorar datas e muito menos verbos em francês.

Casou-se com Jeová Leão de Oliveira, também dentista e também daquelas bandas de Limoeiro. Filho de Quixeré, como disse uma vez em crônica, "a melhor cidadezinha do mundo"... Lívia, como chamamos em casa, teve três filhos, José Batista, Roberto e Fernando. Depois criou uma linda menina, hoje uma também linda mocinha, Laís Helena. Os filhos são ótimos e ainda estudam: o mais velho Odontologia; quer ser o herdeiro do trono ocupado pelo pai, com política, Prefeitura, fazenda e tudo; os outros dois engenheiros, Roberto na eletricidade e Fernando na civil. Laís Helena vai ainda na briga do ginásio.

Como disse, a Lívia herdou a disposição e a maneira de lutar de minha mãe. É dona da farmácia de Quixeré, comandou o estudo dos filhos em Fortaleza, onde tem uma linda casa, além de sua enorme morada de Quixeré, ponto de reunião de toda a cidade, principalmente na época de eleições, pois meu cunhado nesse assunto é o chefão. Dos Carneiros herdou a obstinação e uma distonia das mais danadas que vez por outra a deixa baqueada, quase desanimada. Passado o impacto, porém, vai em frente e firme. Acho-a fora de série. Foi a única que ficou longe do rebanho mas mantém, intacto, o que aprendeu com d. Júlia: a união faz a força. Qualquer um que chegue é uma festa. O mais velho então nem se fala.

LUIZ MAURO — Era o *nêgo* da família. Acho que puxou um pouco a cor acanelada do meu avô Martiniano. Aliás até mesmo no jeito sobrou-lhe algo também. Quando pequeno chorava e virava bicho quando o chamavam de enjeitado... Ótimo numa bola de meia e na matemática. Uma coisa, aliás, que nunca compreendi bem. Luiz não era dos mais brilhantes, ou melhor, dos de raciocínio mais rápido. Era obstinado e teimoso. Disso resultou um gosto inusitado pela matemática, que dominava com precisão, apesar de ter se formado em Direito, pois na época não se estudava o que se queria mas o que se podia. E foi aplicando um pouco dessa objetividade da matemática nas suas petições que logrou grande êxito na profissão que foi obrigado a abraçar. Os juízes não se perdiam na literatura. O que tinha ali era só o essencial, já estava escorrido.

Não chegou a ser um frustrado profissionalmente porque tão logo ganhou o suficiente para formar um lastro começou a construir. E aqui em S. Paulo construiu mais de quarenta casas e seu nome hoje se perpetua numa rua, de um bairro que iniciou e onde construiu os primeiros 12 sobrados.

De temperamento era um tanto explosivo e até brigão, mas não sabia guardar mágoa. Passado o rompante tudo estava bem. Foi meu grande companheiro depois que saiu do Ceará e foi morar comigo em Manaus, em seguida em Barra Mansa e depois em S. Paulo onde mantivemos juntos um escritório até sua morte. Aqui na minha Santo Antônio, palco deste esforço literário a que me dediquei, vejo na minha frente sua mesa, que guardo com carinho, achando ser a mais pessoal das suas lembranças. O escritório ainda está lá, mantenho-o mais por tradição, mas a mesa é o próprio dr. Luiz.

Morreu moço, aos quarenta e três anos, vítima de um enfarte fulminante e para todos nós totalmente surpreendente. Para toda a família deixou enorme saudade e para mim ficou um vazio até hoje do mesmo tamanho. De onde estiver deverá, com certeza, estar procurando ajudar a todos nós como um bom Carneiro que foi...

CAIO PORFÍRIO — Com este aqui eu preciso ter cuidado. Primeiro porque ele vai me apresentar, segundo porque a correção ele também faz mesmo. É o escritor da família e não apareceu à toa, nasceu, se fez. Acho que já no Colégio Nogueira, no primário, o dr. Caio tinha rasgos literários. Subiu aos poucos, degrau a degrau, a longa escada que o levou ao topo em que hoje se encontra. Também foi um *cracão* na bola de meia, apesar do corpo franzino que nunca mudou. O Caio também foi outro que não estudou o que quis mas o que pôde: formou-se em filosofia (Geografia e História), a única faculdade noturna na Fortaleza da época.

Veio para S. Paulo em 1955, um pouco depois da mamãe. Chegou aqui em novembro. Guardo um fato jocoso do primeiro dia que saímos juntos em S. Paulo. Na Avenida S. João o Caio parou junto a uma tabacaria e pediu quinhentos réis de cigarro Continental. O tabaqueiro ficou olhando entre incrédulo e galhofeiro. Não sabia ele que em nossa terra ainda hoje se vende cigarro a retalho. Não é todo mundo que pode comprar um maço...

Chegando aqui o Caio se *encostou* no escritório, comigo e o Luiz. E começou a luta. Foi ganhando lentamente os seus concursos de contos. Não tenho muita certeza mas suponho que "Milho empendoado" foi o primeiro. Apreciava aquela luta e achava-a

por demais injusta. Talvez por conhecer a *peça*. Certa vez, irritado, ofereci-lhe: "Manda editar logo o teu livro que eu pago..." Agradeceu mas não topou. Assim não servia. Tinha que ser pelos caminhos normais. Mas não demorou muito, logo a Francisco Alves editou o "Trapiá", com tarde de autógrafos e tudo mais. Vibrei como um tio que conhece o primeiro sobrinho. Aquele eu tinha visto nascer, acompanhei-lhe a gestação e o longo trabalho de perto. Depois vieram os outros e os prêmios também. A coisa ficou mais fácil. Deixou o nosso escritório e foi para a U.B.E. onde até hoje está. Venceu como quis e à sua maneira. Às vezes discutimos e eu cobro-lhe um romance que já deveria ter nascido. Mas ele, calmo, replica: "Nada disso, eu sou é contista..." Não concordo, sou como a d. Júlia, foi Carneiro, tem que saber fazer qualquer coisa, e bem... Caio mora com minha irmã Rachel e a Dedé. Recebe a todos muito bem mas visita pouco. No começo houve estrilo, os irmãos reclamavam, as cunhadas viravam a cara. Mas acabaram aprendendo que com o Professor Caio o negócio é assim: Adora a todos, a todos quer bem e trata melhor ainda, mas em sua casa. Sair, fazer visita, levar presentinho embaixo do braço, desculpem, mas não dá...

HESÍODO ANTÔNIO — Inteligente, alto, até mesmo bonitão, foi este, porém, o único que não ligou muito para a vida. Como o Caio também não casou e com o espírito boêmio e até mesmo destemperado que tem vai levando a vida de barriga como se diz por aí... Talvez esteja certo. Não quer compromisso. Mora sozinho, bastante ligado à família, mas vez por outra sumido pelo mundo, sabe Deus onde. Agora, com a idade chegando essas escapadas estão

rareando. Também não é brincadeira, o cabra vai chegando aos cinqüenta...

Em menino foi levadíssimo e companheiro do Caio na partilha da farda do Liceu fez o escritor passar momentos aflitíssimos. Também é bom numa briga e não leva desaforo para casa. Tem coração mole e está sempre pronto a servir, mesmo com algum sacrifício pessoal, o que não é raro acontecer. Apesar de morar sozinho não dispensa o feijão da Dedé, que vai comer todo dia, sem falta... Herdou também o *mal dos Carneiros* e uma vez com outra entra numas encruzilhadas de distonia e outros bichos que o médico precisa corrigir depressa. Mas vai tocando a vida sem comprometer a dos outros. Se alguma restrição devesse ser feita seria com relação à sua própria, mas quem deverá ser o juiz de coisas assim? Não creio que alguém possa ser. Se o cara está bem assim, que vá em frente com a bênção de Deus e a compreensão de todos...

JOSÉ JÚLIO — Meu atual sócio no Pau Caído é geólogo da primeira turma que a faculdade de S. Paulo diplomou. Embora desconheça a matéria garanto-o bom profissional, haja visto o pessoal que freqüenta seu escritório à procura de orientação e assistência. Já descambado para os mais moços, a infância deste, pouco ou quase nada acompanhei. Não a primeira infância que essa eu sei de todos, refiro-me à meia infância, quase puberdade, quando o valente se transforma no bom de bola, no brigão, no estudioso. Mas creio que todos nós fomos de tudo um pouco e não podia ser de outra forma se quisesse viver nas areias da Praça S. Sebastião. Foi o último que teve seu primeiro emprego no Ceará, que os outros dois, os mais novos, não chegaram a

enfrentar essa parada, só vivida em S. Paulo. E também como os mais velhos viu parte dos seus magríssimos cruzeirinhos, acho que numa proporção até meio alarmante, serem cobrados, e recebidos, pela dona Júlia, que nisso não perdoava nenhum. Ganhou, tinha que entrar na quota da panela.

Casou-se o José Júlio com uma prima, Maria Eliane, de quem na intimidade eliminamos o primeiro nome, filha mais moça, das mulheres, do nosso tio Porfírio, o último irmão do papai a falecer. Desse casório resultou na lindeza que é Valéria, minha afilhada, Luís Carlos e Virgínia, esta última uma lourinha muito enxuta. Luís Carlos é o cara mais inquieto e buliçoso do mundo. Gosta de me olhar sério quando eu afirmo que os olhos dele são nas pontas dos dedos. Para ver tem que pegar. Mas vai muito bem nos seus dez compridos anos, pois o moço já vai lá naquelas alturas. Se puxar ao pai ou a alguns dos seus ascendentes com certeza vai beirar os dois metros. Pois não dizem que sucessivas gerações vão sempre melhorando?... E assim lá vai mais um irmão, aumentando o rebanho e cada vez mais distante da Praça S. Sebastião embora, como eu, como todos nós, relembre sempre com muita saudade aqueles velhos tempos dos ovos quebrados, das frutas dos vizinhos e da farda suada que viera da aula da manhã...

RICARDO — Outro que casou com a prima, irmã da Maria Eliane, a Maria de Jesus, esta a mais velha das filhas do tio Porfírio. Na intimidade a chamamos por um apelido que seu irmão caçula começou a balbuciar antes de falar: Ú-ú. Ricardo não entrou na cartilha do José Júlio, já tem quatro filhos, o mais velho, Luís Mauro, é meu afilhado. Depois vêm Ana Paula, Ricardo Júnior e Maria Clara. Não estou

muito certo, porém, que a coisa vai parar por aí. Maria de Jesus levou três ou quatro anos sem ter filhos, que só vieram depois de longo tratamento e algumas promessas em Santos da família. E vocês sabem como é, esse negócio de promessa é fogo.

Ricardo é o penúltimo do bando e teve uma primeira infância extremamente doentia. Não sei mesmo como sobreviveu. Lembro-me que com alguns meses de nascido foi acometido de alta febre e suas conseqüências. O primeiro médico diagnosticou mil coisas mas nenhum dos remédios deu certo. Mamãe recorreu em último caso ao venerando Dr. Adalberto Studart, já um tanto difícil de atender chamados. Ao chegar lá em casa, logo afirmou para a mamãe: "Seu filho está com paratifo e acho que não temos mais nada a fazer. Não vou mais receitar". Mamãe quis saber por que não conseguia abrir a boca do Ricardo pois queria dar-lhe homeopatia. Dr. Adalberto disse que era uma rigidez provocada pelo extrema fraqueza em que a criança se encontrava. E como a mamãe implorasse muito ele se prontificou a dar um jeito nisso. Aplicou no Ricardo meio litro de soro e o cabritinho abriu a boca. Mamãe sentou-se na rede, pôs o garoto do lado, na frente um tamborete e os diversos copos com homeopatia. No centro o relógio. De cinco em cinco minutos uma dose, alternadas, como ela falava. Começou o tratamento à tardinha. No dia seguinte pela manhã mamãe cochilava e o Ricardo já chorava, mas com fome, que a febre, o paratifo e tudo mais tinham ido embora. Acho até que o mano devia carregar no pescoço um retrato do Humphreys pois além desta houve outras, todas de arrasar, que as bolinhas brancas milagrosas curaram e ele hoje conta a história.

Em S. Paulo Ricardo trabalha na Telefônica há muitos anos e tem sua vida tranqüila e metódica como o melhor dos Carneiros e assim vai criando o seu rebanho, tomando sua cervejinha aos domingos, torcendo seu futebol e vez por outra, nas nossas reuniões, revivendo como eu faço agora os momentos marcantes de nossa vida em família. Um abração, compadre...

JOÃO BATISTA — É este o raspa de tacho... Iniciei a série do casal Zacarias Carneiro e dona Júlia de Castro Carneiro e este a encerrou. Falam lá pelas nossas bandas que toda família grande do Ceará, mesmo as pobres, conseguem ter sempre um padre e um doutor, às vezes até um soldado ilustre. O doutor tratava dos males da família, o padre garantia a paz eterna pelo menos de um purgatório esperançoso e nas melhores hipóteses o soldado dava cobertura para as traquinagens. Lá em casa só houve o primeiro caso, o do dr. João Batista. Negócios de alma e encrencas com o delegado, quem quiser que se vire. Aliás até mesmo no assunto de médico o dr. Batista funciona pouco, só da cintura p'ra baixo como dizemos nós nas nossas folias, pois o cabra especializou-se em urologia... Formou-se no Ceará e fez cursos na França e Espanha, dando uma espécie de esnobada final aos presságios desenhados na já agora longínqua Rua Dona Teresa da Praça S. Sebastião.

O Batista, como o chamamos na intimidade, casou-se com uma morena bastante ajeitada, Dulcinéia, e trouxeram ao mundo três morenas de fechar o comércio: Silvana, Cristiane e Ticiana. Aliás, no momento em que termino este gostoso capítulo da minha obra (que Deus me perdoe), é gostoso porque estou revivendo com muita intensidade grandes momentos de

nossa vida de família, esses três brotos estão em minha casa. Vieram de Fortaleza, onde moram, passar as férias em S. Paulo. Dos irmãos, o Batista foi o único que mesmo depois de ter vindo para S. Paulo resolveu voltar para o Ceará, vivendo em Fortaleza, muito bem instalado e possibilitando, vez por outra, aos que vão daqui encontrar ali uma *pensão* barata... E com o dr. Batista se encerrou o ciclo, a nossa geração, os netos do meu avô, que com as filhas do tio Antônio, os filhos do tio Porfírio, fazem um total de dezessete, no momento dezesseis pois um já está lá por cima, de olho em tudo, ao lado dos mais velhos que foram antes, zelando para que façamos o melhor porque a nova borregada já está aí e não são poucos, somam vinte e um, sem falar na última fornada, os netos dos netos, já em número de seis... É Carneiro à beça...

DEDÉ — Acho que a Dedé tanto poderia estar com a mamãe como aqui, com os *meninos*, como ela chama, começando pelo *Manoelzim* até o *Batistinha* porque p'ra ela todo mundo ainda precisa de colo... Nos criou a todos, vivendo com intensidade do amor de uma mãe os nossos fracassos e os nossos triunfos. É uma criatura fora de série. Como a mamãe, nasceu no Amazonas e de lá veio muito criança, tendo ido para a companhia da mamãe quando eu nasci, para ser minha babá. Tinha a Dedé oito anos. E nesses sessenta anos tem sido, com obstinação, coragem e amor a nossa segunda mãe, ou melhor, a nossa mãe, simplesmente, porque na verdade ela só não teve a dor do parto, o resto foi igual...

Mora atualmente *lá em casa* com a Rachel e o Caio e é *lá em casa* que chamamos, porque a sua presença dá essa personalidade. E quem duvidar que

vá tomar o seu café, comer seu *enchimento*, suas *bolas, carne assada de última hora*. Tudo igual, o mesmo gosto, a mesma economia de tempero. Aqui o tempo não andou. Para mim tirou a Dedé e acabou-se o *lá em casa*. Tenho até mesmo a impressão que tirou a Dedé ficará comprometido o nosso elo, tão forte é a sua presença catalizadora (desculpem o termo). Certamente não haveria um desmantelo mas que o rebanho estremeceria lá isso é verdade...

* * *

E aqui estão os manos, estamos nós. Minha ilustre pessoa com certeza poderá ser bem imaginada através *destas mal traçadas linhas*. Sou o Carneirão, o mais velho. Confesso que nestas horas de recordação e nostalgia me sinto muito dentro da minha roupa de caroá, tomando o bonde do Alagadiço na esquina de S. Sebastião. Vou indo p'ra Praça, para os papos e aqui acolá uma seresta de quebra...

Fazenda Santo Antônio

S. Paulo — dezembro de 1978

Minha Esposa — Uma Carneiro Também

NEM sei se a dona Maria vai gostar do título que dei a este capítulo, dedicado a ela, como não poderia deixar de ser, por merecimento e por amor. Mas gostando ou não, o que é fato é que usa o nome Carneiro há muito mais tempo do que aquele que viveu sem ele... Chego mesmo a pensar que estava apenas esperando a complementação...

Conheci-a em Manaus, para onde fui transferido como funcionário do antigo IAPE, depois IAPETEC. Muito menina, no seu vestido róseo de pala alta, um sapatinho branco um tanto apertado, provavelmente em benefício da elegância (e essa brincadeira já deu muito o que falar...) ao vislumbrá-la de longe, dos altos do hotel onde estava hospedado, segredei para um amigo que estava comigo, Ivan Campos, inspetor dos Laboratórios Raul Leite e sobrinho do seu fundador: "Ivan, olhe bem para aquela moreninha. Vou *me casar com ela*". O meu companheiro achou o máximo e até se assustou, principalmente por ouvir falar em casamento. Mas deu certo, como eu queria.

Algum tempo depois o Ivan viajou para Belém onde se estabilizou como gerente do Laboratório, que antes inspecionava. Fui convocado para o Exército e por complicadas razões que não vêm ao caso relatar, mandado a Belém para exames médicos. Pedi àquela moreninha, já minha noiva, que telegrafasse para o Ivan comunicando minha ida. Quando o navio

atracou no porto de Belém, do tombadilho distingui o Ivan, aflito, acenando com um papel na mão (o telegrama) e aos berros: "É aquela?... É aquela?...." Custou acreditar na minha afirmativa e com certeza ainda hoje cita por aí um caso mais do que autêntico, quase sobrenatural, por ele testemunhado, de amor à primeira vista...

Voltando ao primeiro dia em que vi minha futura, confesso que nessa noite o sono chegou meio atrapalhado. E olhe que eu sou bom de sono... É que não sabia nome, endereço, nada. Mas dormi confiante na minha sorte e na minha audácia. E deu certo. Fatos curiosos e sucessivos coroaram o nosso início de namoro e logo noivado e casamento. O primeiro foi que no dia seguinte ao em que avistei minha eleita, fui dar um passeio de bonde com o Ivan. Manaus, nessa época, 1941, era uma cidade linda. Não muito grande, muito limpa, ótima luz, bondes enormes. Tomamos um de linha "Circular", que praticamente dava uma volta completa na cidade, inclusive atravessando bairros distantes e até alguma mata e chácaras. Lembro-me bem. Sentamo-nos no penúltimo banco e fomos conversando e apreciando a linda capital amazonense. Em certo trecho sobe no veículo um cidadão alto, forte, todo de branco, chapéu-chile inclusive e um enorme chuveiro de bacharel na mão direita e, com uma particularidade, dedo indicador. Cutuquei o Ivan e segredei: "Deve ser algum seringalista rico que comprou esse anel p'ra enfeite..." E fomos em frente. Lá para as tantas, falando naturalmente, disse para meu companheiro: "Estamos passando por tanto mato, gostaria de ver uma seringueira. Qual será?" Foi então que o cidadão do anel virou-se e gentilmente nos explicou que naquele trecho não havia seringueira, mas que num determinado local

havia um seringal experimental do Estado que o bonde cortaria no meio. Lamentou não poder ir até lá mas deu indicações precisas do local. Agradeci surpreso. Primeiro pela gentileza do trato, depois por ver que não era seringalista coisa nenhuma, o anel estava em bom lugar... Conhecemos o seringal experimental, a árvore da borracha e naquele instante eu também acabara de conhecer o dr. Virgílio de Barros, meu futuro sogro, no momento exercendo o cargo de Procurador Fiscal do Estado. Nos tornamos no futuro grandes amigos mas ele nunca pôde lembrar o fato. Seria fácil tapear, pois eu contei tudo, mas sua honestidade não deixou. Ria, gostava da história, mas ficava por aí...

Mas tive de romper algumas barreiras levantadas pela moreninha. Não por ela pois, suponho, o amor foi na base do vaivém. Mas é que, vocês sabem, rapaz vindo do Sul, mais vivido, menina muito nova e tal... Os telefonemas insistentes e a ajuda meio discreta de uma irmã, esta *tirando linha* com o Ivan, resolveram o problema. Uma semana depois conversamos na base do namoro, meio de longe, passeando na calçada. Ao chegar no hotel, porém, telefonei e pedi-lhe que casasse comigo. A surpresa foi grande mas a resposta meio mole me deu garantia de que a dona Júlia ia ter sua primeira nora. E foi assim, na rapidez, coisa feita, mesmo...

Casamos no dia 26 de abril de 1944, por procuração, eu em Porto Velho, feito soldado, secretário do governador e diretor do jornal associado *Alto Madeira*. Recebi-a por lá, com armas e bagagens, no dia 3 de maio, mal podendo me conter de pé, o corpo moído por uma malária bruta, a tal terçã maligna que quase deixou dona Maria viúva aos dezesseis anos. Foi sua primeira prova de fogo! tratar do

noivo amarelento para ver se dali conseguiria tirar o marido que sonhara ter. E a partir daí enfrentamos juntos a luta pela vida, pela conquista das coisas que desejávamos, pela manutenção unida e bem formada do que seria a nossa família, pela segurança de uma velhice tranqüila passada a dois.

De temperamento alegre e franco, nunca esmoreceu em nada e por nada. Varamos esse trecho todo ora por limpas e retas estradas, ora por caminhos tortuosos e massacrantes, mas sempre de mãos dadas, juntos, unidos. Raramente nos soltamos as mãos, mas sempre tão rapidamente que até para lembrar hoje é quase impossível. Nunca tivemos nada muito fácil. Foi tudo na base da conquista. Até os filhos, perdemos os dois primeiros. Mas continuamos e temos quatro, dois casais e já com seis netos e promessas...

E ainda hoje, principalmente hoje, aqui ao meu lado está d. Maria, minha Preta, ajudando no que é possível, topando quase tudo, discordando muito pouco, aprendendo a gostar de coisas que, eu suponho, até hoje ela não compreende bem. E uma delas é esta mania de me ligar ao passado dos meus, às coisas que *ficaram lá,* e não ao futuro talvez até mais brilhante dos que estão chegando. Não compreende como eu posso acreditar no sertão, no sertão quase maldito que já enterrou tanta gente e maltrata todo mundo. Não entende como eu posso projetar algo sobre uma mata de marmeleiros ou nas areias quase salgadas dos aluviões do nosso riacho. Acha incrível comer cuscuz de milho moído à mão e guisado de porco criado ao deus-dará, comendo *tudo*... Deita comigo na rede do alpendre lá no Pau Caído, aprecia a subida das galinhas no entardecer nostálgico da siricóia, sem ver nisso nenhuma poesia mas procurando viver a minha. Admira a idade do tamarindo

secular da casa-grande e da carnaubeira plantada no ano de nascimento do meu pai, sem vislumbrar nisso, porém, nenhum encanto, nada místico. E fica admirada, já agora um pouco indecisa, quando eu afirmo que é tudo isso que faz de nós, de mim um Carneiro. E cá entre nós, eu já ando meio desconfiado que a doença está pegando...

Da última vez que estivemos no Pau Caído (e nossas estadas lá já se encompridam até por uma semana) ela levou consigo uma irmã Beatriz, na intimidade Bebé. E juntos tomamos banho na torneira do açude, visitamos a cruz secular do caminho do cercado da Lagoa Seca, tomamos leite no curral. E eu não tive muito trabalho em explicar nada para a Bebé. Dona Maria se antecipou e fez as vezes da fazendeira. De longe, meio disfarçado, eu ouvia a conversa, as explicações, e dissecação dos projetos. Falou da Sudene, da escola que estamos construindo, da vila dos colonos (vovô chamava morador mas isso não se pode mais escrever, principalmente num projeto da Sudene...), dos meus sonhos que, agora sei, também são os seus, embora vez por outra haja uma derrapada teórica nas explanações do grande, quase malfadado projeto agropecuário, tudo coisa sem importância que o tempo irá acertando. Não é como no começo, no nosso primeiro sítio, que dona Maria chegava a confundir vaca de lei com reprodutor...

E é por tudo isso, pela grande companheira que soube ser, pela maneira como orientou os filhos, pela honestidade de atitudes e agora, já, pela assimilação do meu grande sonho que dona Maria, não só para mim mas para todos os meus é também uma Carneiro... Benza-a Deus...

Fazenda Santo Antônio

S. Paulo — dezembro de 1978

Meus Filhos — Meus Netos

Essa turma nova vai aparecer aqui porque afinal de contas ela carrega o nome. É ou não é? E querer que se fale, de bem ou mal, de filho é demais. Imaginem de neto... Mas Carneiro é Carneiro e aqui vão eles, os meus quatro filhos e por enquanto seis netos. Pela ordem: Francisco Roberto, Laís Helena, Manoel Júnior e Júlia Maria, estes últimos um casal de gêmeos. É que tínhamos dois, um casal, sem falar nos dois primeiros, que estão no coro dos anjos. Resolvemos parar no terceiro, era um número meio certo, meio cabalístico. E o médico também achava. Só havia discordância no sexo. Eu achava que o Roberto precisava de um amigo e a minha mulher não suportava a idéia de criar filha única. E aí, p'ra não dar briga, chegaram os dois, gordos e risonhos, como se estivessem certos de que tinham tirado a família duma encrenca...

Roberto, Laís e Júlia já estão casados e cada um com um casal de netos lindos. A mais velha é da Laís, Vanessa, uma senhorita de cabelos e olhos pretos, QI 300 e prometendo milhões... Quinze dias depois dela veio a da Júlia, a Louise Mary, uma galega legítima, loura, olhos azuis, levadíssima e acho que candidata a cliente do Pitangui, pois algumas marquinhas conseguidas nas traquinagens a vaidade dos dezoito anos vai querer tirar. O terceiro é meu *sócio*, o Maurício, irmão de Vanessa e também logo em

seguida o Marcelo irmão da Louise e também galego. O pai, apesar de pernambucano, descendente de ingleses e aí tingiu a prole... Depois dos quatro veio a Paula, uma linda boneca, filha do Roberto, muito minha amiga e com um irmão de alguns meses, puxado à italiana, sangue misturado da mãe e que vai carregar pela vida o nome do pai. É o Francisco Roberto Júnior. E vem o terceiro por aí. Acho que o dr. se atrasou e quer passar à dianteira na marra...

Com os filhos não tive na verdade grandes problemas, tirante aqueles bem conhecidos: estudo às vezes na marra, um sarampo complicado, temperamento em mutação... Roberto nos deu uns dois problemas, algumas vezes sérios, como um desastre de carro que forçou uma craniectomia num dia de Natal. Mas passou por tudo e aos 27 formou-se em Medicina, casando-se em seguida. Ledinha é uma menina jóia que vai aos poucos vestindo a nossa pele... Vão vivendo. Espero para eles um futuro promissor. Laís é professora, entrou na Universidade, saiu para casar e agora quer entrar de novo. Não sei se a Vanessa e o Maurício foram consultados, mas com certeza vão votar contra. Seu marido é um boa praça que além de economista, enxadrista em potencial e outras coisas, está me ajudando no controle de nascimento dos bezerros e cavalos da Santo Antônio. E não podia ser de outro jeito, o filho é meu *sócio*... É um genro legal e de nome bem paulista — Armando César Franco. Júlia Maria terminou ginásio e científico, planejou ser arquiteta mas acho que não comunicou o fato ao Boy (seu marido tem nome complicadíssimo — Stephen William Hutchinson) e ele não sabendo marcou casório, as bodas aconteceram e tudo vai bem, por enquanto com dois

galeguinhos enfeitando a casa. No momento estão residindo em Belém. Quiseram dar uma fugida de S. Paulo. Vamos ver, talvez dê certo. De qualquer modo, lá ou aqui, tudo bem. Faltava um corintiano na família e a Júlia catou um. O último, o Manoel Júnior, este terminou o curso de computação este ano e vai colar grau no dia 13 de janeiro de 1979. Está no momento pelo Nordeste tentando um trabalho. Também quer sair de S. Paulo. O cara é louco pelo Ceará e adjacências. Vamos ver, p'ra frente é que se anda. Com 25 anos ainda não pintou casório. Este está meio duro na queda. Estou muito ansioso pois faço questão de conhecer todos os netos possíveis. Nada de nascer Carneiro depois do meu embarque...

De temperamento se assemelham meio desencontrado: Roberto e Júlia Maria e Laís Helena e Júnior. Estes dois últimos mais tendentes a Carneiro, inclusive com seus achaques, virtudes e defeitos. Os outros dois pendem mais para o *gen* da dona Maria: bondosos, tranqüilos, levando a vida sem afobação. No mais, tudo meio parecido. Alguns com gênios mais fortes, outros mais calmos. Confusões normais que uma boa união de infância pelo menos até agora conseguiu superar facilmente.

Meu relacionamento com essa turma acredito ser a melhor possível. Aberto o mais que posso, mas zelando por coisas e hábitos que considero imprescindíveis para uma boa formação e na pior hipótese para uma boa educação, a tal civilidade. Confesso que muitas concessões feitas o foram naquela base: violentando rudemente meus ensinamentos básicos mas reconhecendo que o mundo de hoje exige e precisa de outras medidas, outros gabaritos morais. Fiz um exame de consciência e estabeleci uma regra:

alguns mandamentos que considerei impossíveis de serem desrespeitados ficaram e vigoram na sua plenitude. Os outros eu fui eliminando, adaptando, modificando. Mas acho que deu certo porque não tivemos conflitos sérios e a moçada é capaz de viver até dentro de uma discoteca, o que não é mole... E estou muito feliz porque agora verifico que nessa confusão de conflito de gerações pode perfeitamente haver *uma boa*, como eles dizem. Na verdade é tudo a mesma coisa, apenas as medidas são outras. Todos nós sabemos que o desajuste do mundo nada mais é do que a procura continuada de novos valores morais. Ocorre que ainda não foram encontrados esses novos valores e muitos largaram os antigos. Assim não dá pé. Há que ter um mínimo para regular emoções, desejos, comportamentos. E sei que não é fácil modernizar os conceitos antigos, eles são muito duros. A saída é substituí-los. Essa é a luta da família de hoje, a luta pelos novos conceitos e com uma agravante: é que a tal sociedade de consumo baratina todo mundo, está sempre em primeiro, o resto vem depois.

Falo tudo isso, dei essa enorme tirada filosófica ou pedagógica, sei lá, mas só para no fim afirmar que realmente não é fácil a um cara com princípios morais do Pau Caído cair nesta S. Paulo e sobreviver inteiro, criando família, deixando rastro limpo, portas abertas, podendo olhar p'ra trás. Capaz até do meu censor, o Professor, cortar esta, mas como disse, tudo aqui foi feito com o coração, tudo é só sentimento, o resto conta muito pouco.

Mas vou encerrar por aqui porque antes do final reservei o último capítulo para as minhas saudades particulares, dos meus amigos, das minhas serenatas, dos lugares por onde andei, pois não

galeguinhos enfeitando a casa. No momento estão residindo em Belém. Quiseram dar uma fugida de S. Paulo. Vamos ver, talvez dê certo. De qualquer modo, lá ou aqui, tudo bem. Faltava um corintiano na família e a Júlia catou um. O último, o Manoel Júnior, este terminou o curso de computação este ano e vai colar grau no dia 13 de janeiro de 1979. Está no momento pelo Nordeste tentando um trabalho. Também quer sair de S. Paulo. O cara é louco pelo Ceará e adjacências. Vamos ver, p'ra frente é que se anda. Com 25 anos ainda não pintou casório. Este está meio duro na queda. Estou muito ansioso pois faço questão de conhecer todos os netos possíveis. Nada de nascer Carneiro depois do meu embarque...

De temperamento se assemelham meio desencontrado: Roberto e Júlia Maria e Laís Helena e Júnior. Estes dois últimos mais tendentes a Carneiro, inclusive com seus achaques, virtudes e defeitos. Os outros dois pendem mais para o *gen* da dona Maria: bondosos, tranqüilos, levando a vida sem afobação. No mais, tudo meio parecido. Alguns com gênios mais fortes, outros mais calmos. Confusões normais que uma boa união de infância pelo menos até agora conseguiu superar facilmente.

Meu relacionamento com essa turma acredito ser a melhor possível. Aberto o mais que posso, mas zelando por coisas e hábitos que considero imprescindíveis para uma boa formação e na pior hipótese para uma boa educação, a tal civilidade. Confesso que muitas concessões feitas o foram naquela base: violentando rudemente meus ensinamentos básicos mas reconhecendo que o mundo de hoje exige e precisa de outras medidas, outros gabaritos morais. Fiz um exame de consciência e estabeleci uma regra:

alguns mandamentos que considerei impossíveis de serem desrespeitados ficaram e vigoram na sua plenitude. Os outros eu fui eliminando, adaptando, modificando. Mas acho que deu certo porque não tivemos conflitos sérios e a moçada é capaz de viver até dentro de uma discoteca, o que não é mole... E estou muito feliz porque agora verifico que nessa confusão de conflito de gerações pode perfeitamente haver *uma boa*, como eles dizem. Na verdade é tudo a mesma coisa, apenas as medidas são outras. Todos nós sabemos que o desajuste do mundo nada mais é do que a procura continuada de novos valores morais. Ocorre que ainda não foram encontrados esses novos valores e muitos largaram os antigos. Assim não dá pé. Há que ter um mínimo para regular emoções, desejos, comportamentos. E sei que não é fácil modernizar os conceitos antigos, eles são muito duros. A saída é substituí-los. Essa é a luta da família de hoje, a luta pelos novos conceitos e com uma agravante: é que a tal sociedade de consumo baratina todo mundo, está sempre em primeiro, o resto vem depois.

Falo tudo isso, dei essa enorme tirada filosófica ou pedagógica, sei lá, mas só para no fim afirmar que realmente não é fácil a um cara com princípios morais do Pau Caído cair nesta S. Paulo e sobreviver inteiro, criando família, deixando rastro limpo, portas abertas, podendo olhar p'ra trás. Capaz até do meu censor, o Professor, cortar esta, mas como disse, tudo aqui foi feito com o coração, tudo é só sentimento, o resto conta muito pouco.

Mas vou encerrar por aqui porque antes do final reservei o último capítulo para as minhas saudades particulares, dos meus amigos, das minhas serenatas, dos lugares por onde andei, pois não

encontrei melhor oportunidade do que esta para gravar as minhas coisas, registrar os momentos gostosos de minha vida. Afinal de contas esta é a Crônica da Casa dos Carneiros, dos seus personagens, e eu sou um deles e vivi momentos que não trocaria pelo ouro do mundo, vocês vão ver...

Fazenda Santo Antônio
S. Paulo — dezembro de 1978

E a Saudade... A Lembrança

O MAIS difícil está sendo agora, o que eu não esperava. É o terminar. É dizer "pronto, acabei". E a saudade?... A lembrança de tudo, de todos, dos amigos, das coisas, dos lugares? É alguma coisa indescritível. Não me sinto capaz nem de começar: pelo *nêgo* Antônio, meu companheiro inseparável nas corridas de cavalo e no riacho, das caçadas de rolinha, de fabricação de arapucas, do olhar as cabrochas no banho do açude, das primeiras tragadas do Yolanda-500?... Ou será das discussões políticas com o Gessiner e o Leitão? Quando queríamos reformar o mundo com novos sistemas de governo, sem cadeias, sem misérias, sem mandantes e mandados?... Ou do Drummond, com a sua boa pinta e melhor companhia na ronda das *pensões* e na escolha dos melhores caminhos para o dia de amanhã?... Francamente não sei. Tudo se confunde na minha memória, na minha frente. Dezenas de vultos amigos se atropelam querendo tomar o lugar preferido, o lugar de minha escolha. Mas não adianta, fugiu-me a capacidade de ordenar, de ter saudades por etapa, por épocas. O certo seria lembrar primeiro o Pau Caído da minha infância, com as corridas loucas no Tropelão do vovô e do ruço do tio Francisco, tudo entremeado com as folias dos banhos de açude, as olhadas pecaminosas dos banhos das mulheres, as viagens de Massapê, tudo, enfim, com o *nêgo* Antô-

nio do lado, pronto, solícito, topando tudo, obediente e achando bom... Depois passar para a vida dura e difícil da Fortaleza do meu tempo de quase rapaz, as conversas infindáveis com o Gessiner, com o Leitão, aprendendo, lendo os proibidos, discutindo os mestres, procurando erros, filosofando... Em seguida, entremear a aspereza dessas ilustrações com as serenatas feitas a Julietas desconhecidas, com trovadores improvisados mas que obedeciam o repertório das canções eternas de Orlando Silva, Sílvio Caldas, Gastão Formenti, Chico Alves, e também os da terra, Lauro Maia, Catulo... E não esquecer o trabalho duro da revisão, feita muitas vezes com fome ou pensando na biquara frita com pão do Café Guaramiranga, da média com pão quente da madrugada *filado* na Padaria Palmeira... Ordenar, enfim, essa vivência divertida e rica de valores humanos da minha primeira mocidade, dos tempos em que se pensava na receita da sopa de pedra...

Sem dúvida a lembrança mais marcante, mais presente, foram as noites de seresta. Fazíamos isso às quartas e quintas, não lembro bem, e aos sábados. O mais difícil era o dinheiro do táxi, o carro de aluguel. Mas sempre tinha algum motorista também *amarrado* no vício e conseguíamos preço camarada. Duas, três horas de andanças e paradas por alguns mil réis colhidos dos bolsos pobres de cada um de nós. Violão eu tinha um, dos mais baratos, craveira de pau. Mas o pintara de preto para dar ares aristocráticos. Vira o Chico Alves, num recital do "José de Alencar", exibir enorme violão preto, ébano talvez... E uma latinha de tinta esmalte, feita na "Brasil Oiticica", resolveu o problema do meu pobre pinho. Não o sabia tocar bem, apenas solava, na marra, mecanicamente, sem ouvido e sem

molejo, duas ou três valsas e acompanhava pessimamente. Mas insistia, teimoso na arte... Dois companheiros, porém, José Pereira, já falecido e bem moço, e Humberto Fontes quebravam o galho. Aliás o Humberto além de ir levava o cantor, Floriano, seresteiro dos melhores. Engraçado, só agora verifico que nunca soube todo o seu nome. Mas que importa isso, para mim por Floriano ele é imortal, cantava e cantava bem, fazendo-me esquecer as deficiências que a natureza me negara.

Eu próprio não tinha nenhuma apaixonada a quem devesse valsas chorosas, salvo um pequeno período em que namorei uma irmã da Carmelita, hoje esposa do Humberto. Era a Francisquinha. Moravam na Gentilândia e durante muito tempo a Francisquinha imaginou que o seresteiro era eu...

Fui um admirador incondicional dos seresteiros e ainda sou. Imagino a seresta a melhor forma possível de poesia. É a poesia cantada. Poderá haver coisa mais linda do que os versos de "Lábios que beijei", "Caprichos do destino"...? Pois fui e sou. Ainda hoje insisto muito com meu irmão Batista, um seresteiro de primeira, para cantar as músicas de minha preferência. Sei que os autores, de versos e música, estão na sua maioria no Rio de Janeiro, mas suponho sempre a seresta eternamente ligada ao Ceará, a Fortaleza. Não posso, por exemplo, os paulistas que me perdoem, imaginar alguém, aqui em S. Paulo, mesmo nos seus bairros poéticos, fazendo um troço como "Rapaziada do Brás". Esse cara no mínimo conheceu o Coqueirinho...

E depois das serestas recordo de forma imorredoura os papos da Praça do Ferreira. Tremendas discussões políticas, dissecação, capítulo a capítulo dos clássicos das teorias socialistas, comunistas, capi-

talistas e até nazistas, que nesse tempo o "Mein Kampf" estava na moda. Procurávamos tirar dessa tremenda confusão alguma diretriz, alguma norma de conduta que nos servisse, com a qual todos concordassem. Nunca encontramos e, coisa curiosa, nunca nenhum abdicou dos seus princípios que, muitas vezes terrivelmente antagônicos, não atrapalhavam uma amizade de quase irmãos. Como é o meu caso com o Gessiner, ainda hoje pensando diversamente, mas também ainda hoje pronto a nos servir mutuamente. Como irmãos, no duro.

Enfim, meus amigos, quem vive sessenta anos, quando mais não fosse acumula milhões de saudades, lembranças sem fim. Amigos aos montes que não dá para enumerar com medo que a memória, já começando a fraquejar, faça injustiças. Mas eles sabem, principalmente os que me lerem, alguns até com algum espanto, vendo o Carneiro das farras, das serestas, das lutas, dos estudos, dos longos papos, metido num livro e com tantos parentes ilustres. Mas é isso, companheiros, a vida é sempre cheia de surpresas e esta será com certeza mais uma. Somente quero que comigo sintam a mesma saudade, segundo muitos a única palavra genuinamente brasileira, a única palavra que, suponho, tem a capacidade de retratar a alma... Tchau...

Fazenda Santo Antônio

S. Paulo — dezembro de 1978

★ Composto e impresso em 1979 — aos 134 anos da construção do casarão do Pau Caído, aos 44 anos da morte do avô do autor, aos 37 anos da morte do pai do autor e aos 60 anos do aniversário do autor — na oficina da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S/A — Rua Conde de Sarzedas, 38 01512 — São Paulo, SP, Brasil. ★